



A história do cinema. A primeira sessão realizada em São Paulo e o pioneirismo dos exibidores. A falta de visão da crítica que não vê no nosso divertimento um veículo de comunicação de massa que seria utilizado no futuro como instrumento de propaganda de governos liberais e ditatoriais.

cinema em São Paulo. O poder hipnótico do novo invento em relação às plateias, já em 1897. Todos os fatos pesquisados por Máximo Barro neste ensaio que reconstitui o ambiente artístico do fim do século passado em São Paulo.

A primeira sessão de cinema em São Paulo

O cinema, com as características atuais, aparece na França em fins de 1895. Em menos de 2 anos, já é conhecido em todas as partes da terra. Por volta de 1900, começam as tentativas de industrialização, que se definirão pouco depois, decretando o fim dos artesões, assim como o tear mecânico acionado pela invenção de Fulton...

A fixação da natureza e pessoa através de processos óticos-químicos, para a época, assumia proporções satânicas. Talvez por isso, os alunos da S. Francisco a procurassem avidamente, como relata Alvares de Azevedo em carta de 26 de agosto de 1848.

“No dia 7 de agosto de 1896 na primeira página do jornal O Estado de S. Paulo aparecia um artigo intitulado Um Pouco de Sciencia. Nele se fazia uma síntese daquilo que hoje chamamos de pré-história do cinema. Falando em Marey, Lumiere, Edson entre outros citava inúmeros aparelhos científicos que redundariam no cinematógrafo que obtinha enorme sucesso em Paris e em outras grandes cidades européias”

e propósitos diferentes. A lagarta metamorfoseava-se em borboleta, adquirindo ares de intelectualidade. A declaração transformou-se em tertúlia literária; o solo de piano em debate de novidades musicais. Era um salão de Guermantes acapirado. Ainda em 1922, de um dos mais bem frequentados, saiu a Semana da Arte Moderna.

Outro anuncia claramente: “Panorama — Diorama, na rua Santa Tezera, nº 8 próximo à Rua Marechal Deodoro, está exposto ao público inteligente. O espectador encontrará ali 5.000 vistas”.

Numero do dia 100 rs.

de do bispado do dia 6 do casamento para Santa a favor de Francisco Belmar a Gonçalves Luque. ões, a favor de Benedicto Lima e Idalina Maria da o Ferreira, a favor de Pe- Cardoso e Anna Rosa de Joaquim da Serra Negra, a oberto Francisco de Carvathiles Francisca de Jesus. ta Cecilia, a favor de José so e Julia Olivari. procissão com o Santo Le- lla de Santa Cruz dos En- lial á Sé. exposição do SS. Sacramen- ta Branca, na vespere, dia procissão da padroeira. abriqueiro da matriz do Es- da Fortaleza, a favor de urispiu Alves Ferreira.

UM POUCO DE SCIENCIA A photographia animada Kinetoscopio e cinematographo (Tradução especial para o Estado) Fazem hoje pouco mais de quatro annos que os jornaes annunciaram com phrases, entusiasticas, que o feiticeiro de Orange-Park, Edison, acabava de realizar um novo aparelho niuda mais extraordinario do que qualquer dos já produzidos por aquella engenhosa e ferttil imaginação.

iniciados pelo seu collega de cisco, aperfeçoou notavelmthodo primitivo, a ponto de meio de seus aparelhos, te possível tirar em menos de u e a intervallos de tempo e medidos, um numero consi provas. O principio do dispositivo por mr. Marey é aliás doples. Se se considera um objecto lhante passando adiante do uma objectiva photographica para um alvo escuro é evidenti imagem virá successivamente nar todos os pontos da plac traçando nesta uma especie d tinus. Mas si, em logar de deixa durante todo o tempo da só si lhe dá acesso a tempo para durações extremament objecto, então, só se inscreva em pontos limitados, dando desses pontos uma imagem t posição no momento preciso fectun-se a impressão.

1896 No dia 7 de agosto de 1896, na primeira página do jornal O Estado de S. Paulo aparecia um artigo, intitulado “Um pouco de Sciencia”.

de do bispado do dia 6 do casamento para Santa a favor de Francisco Belmar a Gonçalves Luque. ões, a favor de Benedicto Lima e Idalina Maria da o Ferreira, a favor de Pe- Cardoso e Anna Rosa de Joaquim da Serra Negra, a oberto Francisco de Carvathiles Francisca de Jesus. ta Cecilia, a favor de José so e Julia Olivari. procissão com o Santo Le- lla de Santa Cruz dos En- lial á Sé. exposição do SS. Sacramen- ta Branca, na vespere, dia procissão da padroeira. abriqueiro da matriz do Es- da Fortaleza, a favor de urispiu Alves Ferreira.



“Repetition generale” na França corresponderia aqui no Brasil a uma sessão especial, para publicação, normalmente em trajes de cerimônia.

Após a inumeração dos filmes anunciava-se que “seria em breve dado deliciares-se...” coisa que não coordena com a realidade, pois a 8 a Plateia e o Diário Popular inserem os primeiros anúncios da projeção de cinema em jornais de São Paulo.

Do emaranhado de informações que uma redação inábil quase transforma em hieróglifo, podemos concluir que a primeira sessão de cinema em São Paulo, deu-se de forma privada a 7 de agosto, com a presença de Campos Salles, secretários de Estado e familiares, podendo equipar-se as que Lumiere deu, por exemplo, em março e setembro de 1895 quando dos Congressos de fotografia. A pública e paga aconteceu no dia imediato, 8 de agosto, sábado, que na época devia ser o mais propício, pois a maioria das estréias teatrais acontecia nesse dia da semana. Foi também num sábado, a 28 de dezembro de 1895, que o cinema Lumiere teve seu batismo público na França.

Pessoalmente, cremos que a pessoa que orientou a programação do lançamento, era bem informada a respeito daquilo que hoje chamaríamos de marketing e opinião pública.

Para O Estado de S. Paulo, foi dada a tradução de um artigo que deve ter preluído o lançamento do cinema Lumiere em vários países, além da notícia da sessão oficial, provavelmente no Palácio do Governo, no Largo do Colégio. Para os jornais populares, como a Plateia e o Diário Popular, ficaram os anúncios com reforço de uma cercadura preta indicando horários, preços e o local.

Descrevendo o processo, a notícia de O Estado de S. Paulo comenta o aparelho “que reproduz num alvo cenas variadas...” Logicamente a terminologia cinematográfica se iria estratificar com o tempo. Pela frase do articulista, vemos que a palavra tela, proveniente da pintura e hoje em uso, foi antecedida nos seus inícios, por alvo, de nítidas conotações com um dos esportes mais praticados pelas altas rodas, o tiro ao alvo. Paralelamente, também servia como um dos meios de subsistência mais usuais e baratos entre os menos providos, a caça, praticada juntamente com a pesca, de forma quase predatória, na época em que Tietê e Tamanduaí eram praticamente molduras de uma floresta.

Não cremos que da maneira como foi construída a frase, “alvo” possa ter alguma relação com a sinonímia branco, alvura, límpido.

As reproduções no alvo davam “realce e cunho de vida, o que valeu a este processo o nome de “photographia animada”. Esta também é uma tradução literal, só que correta, e com toda certeza estava indicada nos prospectos que deveriam acompanhar as vendas e empréstimos de equipamentos e filmes Lumiere.

Em 1899, Eugene Trutat escrevia um tratado com o título de “La Photographie Animée”, que não deveria ser desconhecido dos Lumières, pois esta denominação seria usada por Louis e August com certa constância. Além disso, na própria França, em muitos cartazes publicitários de cinema, “Photographie Animée” substituiu inicialmente o termo “Cinematógrafo”, que só aparecerá no adicional de 30 de março à patente requerida em 13 de fevereiro de 1895, pelos Lumières. Fora da órbita Lumiere, ele já fora empregado por Léon Bouilly.

Da programação do dia 7 constava, entre outros filmes, o hoje ultra clássico “Chegada do trem na Gare”, posteriormente refilmando a saciedade por outros pioneiros franceses, italianos, ingleses, belgas, etc., ocupando no Catálogo Lumiere o nº 653.

“O banho dos sudaneses” deve ser aquele, que no catálogo de 1896-1897, aparece na “Vues Generales”, com o título de “Baignade de negres”, de nº 12.

“O bebezinho — uma criança brincando com dois cachorros” também aparece nas “Vues Generales”, com o nome de “Enfant et Chiens”, nº 49 é quase certamente uma cena da família Lumiere.

“Os Mel-coach de volta das corridas” foi filmado em Viena e leva o nº 427. Os outros filmes não pudemos identificar com certeza. Uma tradução deficiente ou mudança total do título por parte de Renouleau prejudicou sua confrontação no catálogo. Note-se que estes não deveriam ser os únicos filmes do exilador paulista, pois era normal da casa Lumiere, a mudança de programação total ou parcial, a cada cinco ou seis dias.

Em seguida, a notícia torna-se ainda mais confusa, coisa comum naqueles tempos.

Gilberto Leite de Barros analisa, em profundidade, o problema dos anúncios nos jornais do século passado. Estranho, que num local onde já imperava o bacharelismo, pudesse aparecer uma mensagem publicitária, que mais se assemelhava às pesquisas de escrita automática, que tanto deliciaram os surrealistas dos anos 20.

“Se visse como deslumbra à rua Direita nº 40 pelo encanto, pelo extraordinário, — a violeta — a loja Petroleira que anda a fazer mêdo à Folha Liberal da Imperatriz, pelas revoluções, que operou nas modas, em tudo que diz respeito a negócios de fazenda, talvez a provincia (refere-se ao jornal A Provincia de São Paulo) melhorasse.

Tudo indica que a ausência de revisão nos jornais, que transpunham, sem maiores preocupações, as notícias elaboradas pelos próprios interessados, levava incontáveis vezes, ao estropiamento da gramática ou à mensagem enviada de forma pouco clara, e mesmo contraditória, como no caso presente.

Aquele “em breve será dado...” é decididamente um cravo na consciência da História, dado que este anúncio seria reproduzido praticamente de maneira integral na Plateia do dia 8, tendo quase ao lado o anúncio das sessões e do local, onde após agradecer o convite enviado do pioneiro do cinema em São Paulo, fala também no Presidente do Estado. Os adjetivos laudatórios, que acompanham as conclusões do comentarista, real ou forjado, são as que se encontram também em todos os documentos, que americanos, italianos, belgas e outros, deixaram das suas primeiras projeções, isto é, misto de espanto e encantamento. Ainda no dia 8 a Plateia traduzia um artigo de Ernesto Daudet, aparecido no Petit Journal não tão substancial quanto o do Estado.

Em 1887, contávamos com quatro fotógrafos. A julgar pelos sobrenomes três são alemães e um é francês: Jorge Renouleau. Esta referência, que antecede de quase um decênio o ingresso do cinema em São Paulo, é a mais antiga que temos de seu introdutor, naquela época com atelier na rua Direita, 6.

Em 1891, o número de fotógrafos aumentou para cinco, e Renouleau, agora na rua Direita, 9 continuava o único não germânico. Esta mudança de endereço deve ser engano de tipografia, pois sua filha afirma que eles habitaram sempre a mesma casa. Em 1895, havia onze fotógrafos em São Paulo, com vários sobrenomes latinos.

Boa parte das referências que temos sobre Renouleau devemos à sua filha, Dna. Maria Renouleau, que na época da primeira projeção contava sete anos e dela recorda-se com minúcias fotográficas.

Diz ela que o estúdio fotográfico de seu pai estava instalado no primeiro andar do prédio da rua Marechal Deodoro. Próximo, funcionava uma casa lotérica. No dia 7 de dezembro, aquela casa vendeu um bilhete de sorte grande que foi comemorada com bombas, rojões e buscapés, folclore ainda hoje existente. Um dos fogos foi ter ao primeiro andar provocando rápido e pavoroso incêndio que incinerou completamente o imóvel, ativado pelas cortinas, ta-

petes, madeirame e material químico, todos altamente inflamáveis.

A importância do acontecimento, pode ser avaliada pela cobertura que os jornalistas da época deram. Levando-se em conta as proporções devidas, foi um intêndio que abalou a população tal qual os dois edifícios Andraus e Joélina.

O incidente abala-o física, material e espiritualmente, a tal ponto que Renouleau, a esposa e filhos, vão para a França.

Segundo o depoimento da filha, Renouleau nada conseguiu receber, das empresas seguradoras porque toda a documentação... queimara-se. Do período francês nossa informante pouco tem a acrescentar, dado que lá ficou internada num colégio. Mas não são necessários altos vãos de imaginação, para relacionar o ofício de Renouleau com os negativos e demais apetrechos fotográficos que ele devia importar da usina Lumiere, na época a mais conceituada do mundo, sendo praticamente possuidora de um “trust”. Por ocasião da viagem, deve ter aproveitado para conhecê-la amplamente, tomando conhecimento das projeções de “photographias animadas”, participando da estupefação geral a respeito da novidade, e do grande sucesso comercial que a acompanhava.

Sabe-se que Lumiere apoderou-se, em certo momento, de grande euforia a respeito da invenção dos seus filhos. Atritos seguraram-se. Louis e August para evitar outros litígios, cedem ao pai plenos poderes na exibição do cinematógrafo, extinguindo-se até mesmo de comparecer à sessão inaugural de 28 de dezembro.

Lumiere tentara alugar o Gran Café no Boulevard de Capucine, mediante percentagem de bilheteria, no que foi contrariado pela negativa do proprietário.

A primeira sessão rendeu apenas 35 francos, confirmando as previsões pessimistas do locador que estava cobrando pela sala 30 francos. Pouco depois, enormes filas circundavam o quarteirão do Gran-Café, rendendo 2.500 francos por dia, quantia espantosa na época, e que deve ter deixado o proprietário paguilhado de inveja, pois aceitando a primeira proposta ele teria dono de 20% da receita.

“... o cair da noite traria outra fauna atraída pelos bilhares bares, teatros e jogos e que lá pontificavam até a hora do último bonde E compreensível, portanto que nos seus primeiros dias as sessões apresentassem horários às 13, 14 e 15 e depois às 18, 19, 20 e 21 horas Nos fins de agosto as diurnas foram suprimidas anunciando-se o término da novidade para o último dia de setembro. O preço manteve-se sempre em 1\$000.”

É nesse momento de euforia que Renouleau está em Paris. Segundo sua filha, ele torna-se dono de um projetor e vários filmes, retornando revigorado ao Brasil na expectativa de novos horizontes.

A venda do aparelho causa-nos estranheza, pois é sobejamente conhecido que os Lumières não vendiam, preferindo alugá-lo ou abrir mercado através de representantes, dividindo as rendas com o intermediário, que hoje chamariam de distribuidor. Foi por meio de um desses dois métodos, que seu aparelho divulgou-se na Europa, parte da Ásia, Estados Unidos (apesar da intervenção violenta de Edison) e México. É conhecida a famosa resposta de Lumiere à Mellès, quando este quis comprar-lhe a invenção: “Meu filho, este brinquedo científico terá poucos meses de sucesso”. Como a história é normalmente escrita por romancistas e não por historiadores, portanto precisando de heróis e vilões, a resposta colocou Lumiere no altar de altruísmo exaltado. Tal não aconteceria se meditasse um pouco sobre o fato delé, simultaneamente à frase, estar preparando cinegrafistas, aparelhos e quilômetros de película. Valeria a pena tal empenho para uns poucos meses de aceitação? Ou seria uma resposta política, ardilosamente apolada em sofismas, que demoveriam possíveis concorrentes, menos atilados que Mellès?

Porém a dúvida quanto a venda para Renouleau permanece.

Sadoul cataloga um número considerável de interessados em comprar ou alugar o aparelho, não aparecendo aí Renouleau. Note-se que o autor fala em “alguns nomes”, dando portanto a entender, que a lista não é completa. Será que por ter-se tratado de um obscuro fotógrafo, a levar o aparelho para um país ainda mais obscuro, onde o controle seria impossível, tenha sido modificada a diretriz? Ou será que Lumiere, já pela metade do ano de 1896 estava consciente da impraticabilidade do “trust”, devido às várias contrafações de ingleses e franceses, começando pelo próprio Mellès, estavam praticando impunemente? Provavelmente a resposta nunca virá, principalmente se atentarmos para o fato de que a correspondência da usina Lumiere era incinerada a cada tanto.

Segundo o exemplo parisiense, Renouleau fará seus espetáculos, quicá mesmo o oficial, com a presença de Campos Salles, em uma pequena sala adaptada. Lumiere lançou a arte representativa do século XX no sub-solo de um café-bilhar, que media aproximadamente cem metros quadrados. A saleta da rua Boa Vista não devia diferir muito. Também ele pôs de lado a idéia de apresentar a novidade num teatro ou congêneres, e entre outras coisas, é provável que a saleta improvisada apresentasse aspectos e condições mais condignas que as várias casas que funcionavam em São Paulo.

Já vimos em que consistiam as representações teatrais e os edifícios que as abrigavam durante o “fin de siècle”

Em 1895 o “São José” ainda funcionava precariamente, sofrendo periodicamente violentos ataques da imprensa. Mas outras salas foram aparecendo e naquela data já contávamos entre outras, com o “Polytheama” e o “Apollo”

O “Polytheama” ficava na Ladeira São João, onde localizava-se a passagem de nível da São João com a avenida Anhangabau. Era uma barracão de forma circular, pois primitivamente abrigava um circo, repostidíssimo pela acústica, louvada por todos seus memorialistas.

O teatro Apollo ficava na rua Boa Vista a poucos passos da casa onde Renouleau fazia suas projeções. Sua fundação datava de 28 de agosto de 1873, com o nome de “Teatro Provisorio Paulistano”, e devia-se à pertinência do ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza Filho. Anos depois, passou por uma reforma, e teve seu nome mudado para “Minerva”. Em 1895 seria reformado novamente, reabrindo com o nome de “Apollo”.

Na semana de estréia do cinema, inaugurava-se na rua São João nº 23, o “Salão Steinway”, pequena sala de concertos, propriedade dos fabricantes de piano do mesmo nome.

O Almanak Paulista de 1897 fala também de outros teatros que fatalmente seriam inferiores, se isto fosse possível, aos três citados: O “Coliseu Paulista” na rua Ipiranga, 60.

“Jockey Club” no Hipódromo (perto da Penha)

“Velodromo” rua Consolação

As deficiências das casas teatrais eram, de tempos em tempos, atacadas ou ridicularizadas pela imprensa, quando não pelos próprios proprietários e arrendadores, como a polémica de 1896 entre o Conde Romano, dono do “Apollo” e o grupo que explorava o “Polytheama”. Um artigo de fundo do Diário Popular de 15 de março de 1895, serve como exemplo:

“Nossa Capital de há muito reclamava um Theatro decente. As duas ou três casas de espetáculos que há por ali não podem satisfazer à elite de nossa sociedade, afeita a certo conforto e asseio.

Do Polytheama não nos cumpre tratar, porque a câmara julgou de bom avizo interditi-lo ao público. Mesmo caso, porém, não deixaremos sem pequeno reparo.

Quando a uma imprensa, em cujo número também nos manifestamos, reclamava providência contra o Theatro da Ladeira de São João, referia-se com especialidade à falta de segurança para o público.

A câmara em sua exigência, porém, teve mais em vista o conforto do pessoal das companhias, pelo aperfeiçoamento das caixas do Theatro.

E preciso, porém, que não se abram as portas do “Polytheama” ao público, sem tratar ao mesmo tempo das vantagens e seguranças a que esse mesmo público tem direito no recinto que ocupa.

O Theatrinho da rua Boa Vista, serve apenas para companhias de poucos elementos de encenação e luxo, porque sua lotação não comportaria mais despesas.

É mais um Theatrinho de verão do que outra coisa.

“Ao São José, o velho casarão, por vezes a imprensa se tem referido cumprindo hoje apenas tratar do assunto pelo lado da vantagem popular.

Esse Theatro que é do Estado, foi arrendado e tem sido muitas vezes sublocado. Ora, dá-se um abuso, segundo fomos informados, que carece ser obviado.

O sublocador é empresário theatrical, de forma que a outra qualquer companhia sob empreza diversa da sua torna-se quasi impossivel trabalhar pelo preço excessivo que se exige e pelo ônus de que se acha crivado o casarão. (e mais adiante) “Esse abuso de que hoje nos ocupamos é tão clamoroso que tem preocupado o ilustre Presidente do Estado de São Paulo, que segundo estamos informados, acha necessario a construção de um novo Theatro em mais modernas condições e sem as sublocações tão prejudiciais aos interesses da diversão pública”.

Garcia Redondo, pelas páginas do Correio Paulistano, a 27 de março de 1896, expõe de forma mais crua, a deteriorada situação das salas teatrais em São Paulo. O “Apollo”, segundo ele só mudou de nome, pois ainda é um “Provisorio”.

Portanto Renouleau nada tinha a perder evitando os teatros.

Mas, simultaneamente ao espetáculo da rua da Boa Vista, 48, a que estaria assistindo o paulistano?

No “Polytheama” a companhia Dias Braga encenava “Remorso Vivo” — drama fantástico em um prólogo, quatro atos e oito quadros. No “Apollo” o grêmio Beneficente Paulista fazia um festival da caridade com “Gaspar, O Serralheiro”, de Baptista Machado. Os anúncios dos jornais do dia falam na possível presença de Presidente do Estado. Desta forma Campos Salles no espaço de 24 horas, por duas vezes estivera assistindo a espetáculos na rua Boa Vista. Qual seria sua reação ante dois espetáculos tão diversos?

Nada pudemos supor, pois nem o Correio Paulistano, órgão governista, nem mesmo outros periódicos comprometidos com as verbas palacianas, fazem qualquer referência. Para piorar a situação, começaram naquele dia as férias da Assembléia, e Campos Salles passava o governo ao vice. O Diário Oficial, em vista disso, deixava de circular, privando-nos de boa fonte de informações governistas.

O “São José” exhibia a “Grande Companhia Japonesa” e o “Salão Steinway” recebia o famoso duo de concertistas portugueses Viana da Motta e Moreira de Sá.

Poder-se-ia levantar a hipótese de coincidência na convergência de tantas funções exatamente no dia do aparecimento do cinema. Basta, porém, uma vista de olhos pelos anúncios especializados em datas anteriores, e teremos aquilo como regra, além das intermináveis réclams da Companhia Tomba com dramas, operetas, e óperas num macabro repetir de “Traviatas”, “Aidas”, “Rigoletos”, “Toscas” que até hoje perambulam obrigatoriamente pelo Municipal. Ainda em 1898, a 17 de dezembro, queixava-se o articulista do jornal A Nação.

“A Companhia Tomba que devido ao grande repertório não repete peça alguma por mais exito que alcance, repetiu hontem, “O Vendedor de Passaros”.

A Lucia começou às horas do costume.

A implacável senhora Lenzi, a verdugo-mor da partitura, que desde o principio da temporaria assessoria no palco do velho barracão da rua São João as horrendas baterias da sua voz, moveu, pois pela segunda vez os queixumes gigantescos, urrou, berrou, alarmou, os assistentes, e as vizinhanças da rua...”

A perspicácia de Renouleau teria visto algo de especial na rua Boa Vista? Creemos que sim. Ela ficava praticamente ligada ao famoso triângulo das ruas São Bento, Direita e 15 de Novembro, centro de toda a atividade paulistana do fim do século, já então assoberbada pela estreiteza das ruas, em luta com uma população que aumentava de forma delirante. O traçado da rua Boa Vista, no tempo, dferia bastante da atual. Começava na rua XV de Novembro, e formava um colovelo até encontrar a atual rua Boa Vista, endereçando-se ao Largo de São Bento. Com a reforma de 1912 estenderam-na até o Pátio do Colégio, através do Viaduto Boa Vista, e o trecho inicial que ia da rua XV até a Boa Vista passou a denominar-se Rua 3 de Dezembro.

A artéria escolhida por Renouleau, além de ligação praticamente obrigatória para quem vinha do Largo de São Bento em direção a Sé, Palácio do Governo e Carmo, dispunha de escritórios de intenso movimento diurno, devido aos setores de comércio e indústria que lá existiam. Armazéns, ourives, lojas de móveis, papelerias, tipografias, agentes, redações de jornais, movimentavam considerável massa tanto no atendimento como na serventia. Qual a senhora acompanhada da filha, que lá fora comprar um chapéu, que não dispenderia 30 minutos para uma sessão de “photographias animadas”, em época tão carente de “divertimentos sadios” e condução fácil? Haveria algum casal que, após consultar o médico, advogado, engenheiro, parteiro, não iria desenfartar-se no 487 Ou o idoso burguês que lá fora comprar

uma arma, livro técnico ou mesmo tomar um banho na “Sereia”, dado que a torneira da sua casa nos Campos Eliseos ou Higienópolis era puro requinte estético? O cair da noite traria outra fauna atraída pelos bilhares, bares, teatros e jogos, e que lá pontificavam até a hora do último bonde.

E compreensível, portanto, que nos seus primeiros dias, as sessões apresentassem horários às 13, 14 e 15 e depois às 18, 19, 20 e 21 horas. Nos fins de agosto as diurnas foram suprimidas, anunciando-se o término da novidade para o último dia de setembro. O preço manteve-se sempre em 1\$000. Comparando-o com os do teatro, veremos que ele correspondia aos usualmente cobrados no balcão ou geral, portanto, os mais modestos no plano aquisitivo. De qualquer forma, era impraticável para o proletário e pequeno funcionário. A firma de engenharia de Ramos de Azevedo, a mais conceituada da época, pagava \$5000 ao mês aos pedreiros, 78000 aos pintores, e \$8000 aos feitores. A Caixa Econômica Municipal estipulava 6008000 para o gerente e 5008000 ao tesoureiro. Mesmo assim, Maria Renouleau afirma que as sessões eram concorridas, e que o fracasso deveu-se a irregularidade da energia elétrica. Qual teria sido a renda do primeiro dia de espetáculo? Maior ou menor que a de Lumiere. E nos dias subsequentes, os quase 140 mil habitantes quanto teriam revertido em bilheteria, comparados aos 2.500 mil parisienses? Novamente a carência de documentos impede um exame profundo, restando as ilações de superfície. Além disso, aqueles dois meses foram pródigos em acontecimento momentosos. Nos dias 22 e 23 de agosto os teatros, bares e fatalmente o cinema não funcionaram por ordem policial, tentando circunscrever uma rebelião.

Durante a apresentação do “Otelio” de Shakespeare pelo trágico Giovanni Emanuel, a filha do Consul da Itália esbofeteara um militar de cor em serviço no teatro. Os ânimos já anteriormente exaltados pela “questão dos protocolos” iriam explodir naquele incidente, levando as ruas a desordenem entre os estudantes da Academia e italianos, resultando disso várias mortes. O consul pôs-se a frente de um grupo, que aos

“Maria Renouleau afirma que as sessões eram concorridas, e que o fracasso deveu-se a irregularidade da energia elétrica. Qual teria sido a renda do primeiro dia de espetáculo? Maior ou menor que a de Lumiere. E nos dias subsequentes os quase 140 mil habitantes quanto teriam revertido em bilheteria comparados aos 2.500 mil parisienses? Novamente a carência de documentos impede um exame profundo restando ilações de superfície?”

gritos de “Viva a Itália, Morra o Brasil” vai até o Palácio do Governo exigir satisfações de Campos Salles. Este o repele e exige sua substituição.

Em 1893, a população da Capital era de 130.775 pessoas: 70.137 eram homens, 60.638 mulheres. Os brancos predominavam com 115.726 sobre os pardos, com 8.639. Pretos na razão de 5.920 e 490 caboclos eram minorias desprestigiadas.

A situação tornava-se sintomática quando 71.468 estrangeiros predominaram sobre 50.307 brasileiros, é explosiva nos dados seguintes:

Italianos	44.854
Portugueses	8.347
Espanhóis	2.800
Alemães	1.463
Franceses	582

Certo viajante que há muito deixara São Paulo, quando de retorno em 1890, assombrado, encontrava-a mais parecida a Paris ou Roma.

Os dois extremos lideravam a vida paulistana. De um lado a evidente superioridade numérica italiana, formada maciçamente de artesãos, proletários e a nascente plutocracia.

Do outro lado, a minoria francesa, que à semelhança do fermento, bastava uma pitada para aparecer. Estes poucos impunham o modo de vestir, comer, dançar e hospedar. Culturalmente, sua importância datava do período em que D. João VI trouxera a missão francesa.

O Diário Oficial informava que no mês de julho, a biblioteca fora frequentada por 692 leitores, que haviam consultado:

328 obras em português
334 obras em francês
14 obras em inglês
10 obras em espanhol
6 obras em italiano
1 obra em latim

A situação tinha sido prevista pelo Senador Coelho Rodrigues, inimigo fidalgo da imigração, que há tempo já vinha afirmando ser São Paulo, “o consumidor de todas as energias da União e que mais tarde os veremos em embarço com o excesso da população italiana”.

Outra nota folclórica devia-se à figura trabalhadora do chefe da policia. Xavier de Toledo, Arvorando-se em árbitro dos costumes, lá foi o bacharel-policial, interpretando leis esquecidas e inventando posturas.

As penas ferinas que faziam oposição a Campos Salles, tiveram por longo tempo, material diário para farpas e bordoadas.

Pouco tempo antes da primeira sessão de cinema, seu rigor volta-se contra as prostitutas, enquadrando-se nos “deveres e haveres” em nove artigos. Um deles obrigava-as ao uso de véus. Os três últimos artigos pareciam gerados para um suplemento humorístico:

Artigo 7 — Das 6 horas da tarde às 6 horas da manhã nos meses de abril a setembro (inclusive) e das 7 da tarde às 7 da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes ou vizinhos não deversarem o interior das casas; não lhes sendo permitido conservarem-se às portas.

Artigo 8 — E lhes prohibido receber em suas casas menores e alunos das escolas civis ou militares, em uniforme.

Artigo 9 — Nos teatros e divertimentos públicos que frequentarem deverão guardar todo o recato, não lhes sendo permitido enta-

Chegada do trem na estação

bolar conversação com homens nos corredores ou nos lugares em que possam ser observadas pelo público.

Parágrafo único — A inobservância da presente disposição, bem como do artigo 6º sujeitará à mesma pena os infratores de ambos os sexos (de 1 a 6 meses de prisão)

A verratina da imprensa deliciava-se com toda sorte de indagações ao chefe de polícia, tais como: em determinados locais "não públicos", a prostituta teria direito de falar com o menor?

Tudo adulto, daí para a frente, seria obrigado a portar documentos comprobatórios da sua maioridade para falar com as "cocotes", termo que o vitorianismo da época, aplicava às meretrizes, ou seria sumariamente preso para depois comprovar sua idade.

O cronista Gip de A. Plateia verberava contra o "uniforme da prostituta", afirmando que não se submeteria a nenhum horário. E assim, entre o sagrado e o profano, o policial-hermeneuta gozou de quinze gloriosos dias de publicidade.

“No meio de tantas tragédias e farsas chegava ao fim o mês de setembro, e o primeiro ciclo de projeções do aparelho de Lumière na América do Sul”

Possivelmente aproveitando tal clima, apa-rece esta reclamação.

“A PEDIDOS”
“Pede-se ao distinto sr. Tomba que chame a ordem uma Tina (sem ser de lixo) que durante o espetáculo de hontem fazia caretas próprias de mulheres de quilombos para um cavalheiro da melhor roda paulista, e que tem como credas, mulheres mais finas e limpas.

assinado: Um Dilettanti”
Mas realmente Xavier de Toledo foi às últimas consequências do excesso, no triste episódio do “Teatro Apollo”, bem junto ao 48 onde Renouveau projetava seus filmes.

Aquela casa estava alugada a uma Companhia Teatral, apoiada em elementos infantis. Dias após a estreia de “Tim-tim por tim-tim”, peça que devia ter o dom de agradar “in aeternum”, tantas as vezes que ela voltava à cena em todas as companhias, isto por vários anos, Xavier de Toledo interdita o espetáculo e prende de todo o elemento infantil, transportando-os para orfanatos.

O Diário Popular, através de R. Furtado Filho, vociferava contra a medida, explanando jurisprudência que deve ter sido aproveitada “in totum” pelos advogados. Pouco depois, os prejudicados constituem como defensores, Alfredo Pujol e Eugenio Egas, que tinham banca em companhia de Julio Mesquita. No dia em que o juiz deu causa ganha aos dois advogados, uma banda de música foi esperar as crianças na saída dos orfanatos, e levou-as em triunfo à redação de O Estado.

Alguns jornais da oposição falaram de crianças arrastadas, em prantos, da Boa Vista à delegacia. Nunca o pátrio poder esteve tão presente nos arrazados da situação e oposição. Falando a um jornal governista o delegado defendeu-se, afirmando que a peça era pornográfica, obrigando as crianças a trejeitos e ditos malévolos, acrescentando pouco depois, que a maioria delas era analfabeta. Afirmção sibilina, se atentarmos para o alto grau de analfabetismo geral.

Nos intervalos das estrepiolias e do exacerbamento do Catão brasileiro, os jornais noticiavam a morte de Carlos Gomes em Belém do Pará; desmentiam-se no dia seguinte, para renová-la pouco depois. Quando por fim ele vem a falecer, abre-se o capítulo do traslado e do sepultamento do compositor, que quase foi banido de Campinas, por se ter recusado a compor o Hino à Republica, alias numa atitude ética de quem recebera pensão da monarquia. Poucos dias antes de sua morte, o campineiro Campos Salles concedia uma pensão de 2.000\$000 ao compositor, mas isso não pagava, a ingratidão, que tiveram para com quem tornara o país conhecido no exterior. Picuinhas partidárias mais uma vez deslustravam os republicanos.

No meio de tantas tragédias e farsas, chegava ao fim o mês de setembro, e o primeiro ciclo de projeções do aparelho Lumière na América do Sul.

Richard M. Morse, faz a única, rigorosamente a única referência que encontramos em livros acerca do cinema em São Paulo antes de 1900. Reportando-se a uma notícia de O Estado de S. Paulo de 10 de setembro de 1896 (na realidade a notícia apareceu a 11 de setembro, na pag. 2 na Seção Livre), ele fala em “outro sinal



Cena do mais importante filme de Raff e Gammon, “O Beijo de May Irvin e John C. Kice”

dos tempos” que era lançado. Como vimos o lançamento já havia acontecido há mais de 30 dias, mas isso não invalida a argumentação do lúcido sociólogo americano, estudioso das nossas coisas.

“A Photographia Animada”
A cinematographia com os aperfeiçoamentos do grande Edison, a vida com todos os seus momentos, a última novidade que deslumbra e encanta os olhos surpreendidos por tamanho descobrimento está funcionando na rua Boa Vista com um sucesso que será fácil de prever.

Quem vê uma vez não deixa de voltar”.
DIXIT”
No último dia de setembro encerram-se as sessões na rua Boa Vista 48, e com elas o primeiro ciclo de projeções Lumiere, base do cinema universal, na América do Sul.

As informações de que dispomos sobre o introdutor do cinema em São Paulo são poucas, e conseguidas com dificuldade. Há três anos, procuramos uma notícia ou fato que nos abra uma nova pista, tanto em São Paulo como na França. Isto deve-se ao fato de a família Renouveau aos poucos ter perdido toda a documentação de Georges, restando atualmente apenas a memória de sua filha.

Segundo as palavras da Sra. Maria Renouveau e de alguns jornais em notícia de rodapé, o cinema foi aceito incondicionalmente e terse-ia amalgamado aos costumes, não fora, principalmente o problema com a iluminação elétrica.

Passados tantos anos, causa estranheza que tenha-se recorrido unicamente à energia elétrica como fonte de luz quando é sabido que mesmo em países altamente desenvolvidos, como a França daquela época, era comum o emprego de outras fontes, nas projeções cinematográficas e teatrais, o gás especialmente. A sua periculosidade aliada à inflamabilidade da película de celulóide, se deve um dos primeiros grandes incidentes: o incêndio no “Bazar da Caridade”, matando e aleijando número considerável de assistentes no incêndio e na luta desesperada para alcançar a porta de saída. Na França isto custou aos exibidores dias de recesso, até que o público e a imprensa esquecessem os fatos.

Os espetáculos teatrais e de variedades se não usavam exatamente a lanterna Moltini causadora dos lamentáveis acontecimentos, tinham algo de semelhante, senão também elas não poderiam funcionar.

As projeções que levamos com oficiali-

“As informações de que dispomos sobre o introdutor do cinema em São Paulo são poucas, e conseguidas com dificuldade. Há três anos procuramos uma notícia ou fato que abra uma nova pista tanto em São Paulo como na França. Isso deve-se ao fato de a família Renouveau aos poucos ter perdido toda a documentação de Georges, restando atualmente apenas a memória de sua filha”

zação de documentos sempre se processaram em teatros ou café-concertos, executada a de Renouveau, isto é, até o fim do século. As outras não oficiais processavam-se pelo método que Jorge Americano classifica como “ciganismo”, portanto sem o complexo distribuição-exibição. Em “70 anos de cinema brasileiro” cita-se que a 19 de junho de 1898 a bordo do navio francês “BRÉZIL” filmaram-se algumas paisagens da baía da Guanabara, começando desta forma o cinema brasileiro.

No capítulo anterior, citamos o ano de 1887 como aquele em que ele aparece com a profissão de fotógrafo no Almanak Paulista. E esta foi nossa única informação até localizarmos sua filha. O resto estava no Cartório do Registro Civil da Consolação. Nele certificava-se na folha 132, do volume nº 32, que Jorge João Renouveau, faleceu a 3 de junho de 1909, às 23 horas, nesta capital.

Após algumas informações, o declarante Martin Júnior sobrinho de Renouveau, afirma que este morreu com setenta anos. O atestado de óbito vem firmado por Paulo Bourroul, outro sobrenome histórico na contribuição francesa em São Paulo. A causa mortis é dada como arterioesclerose.

Baseados na data de nascimento de D. Maria Renouveau, estivemos no Arquivo da Cúria Metropolitana. E realmente comprovamos seu registro, assim como o dos seus dois irmãos. Mas dada a carência de informações nos documentos, ele pouco adiantou. Passamos então a pesquisar todos os casamentos ocorridos a partir da data de nascimento de sua irmã mais velha, Elisa, ainda fiados na suposição da posição da casa da noiva e do atelier do noivo, em relação à administração eclesástica da Sé. Lá deparamos com seu auto de casamento. Este ocorreu a 18 de dezembro de 1885. O achado foi de enorme valia, pois pela primeira vez dispúnhamos de alguns dados concretos. Nele vem assentado que Georges Renouveau é natural de Bergerac, na Dordonha, França. Esta localidade ficou famosa com a universalização da tragédia de Rostand “Cirano de Bergerac”. Deixa também claro que ele é filho legítimo de Jules Renouveau e Rosa Renouveau.

O atestado de nascimento de Renouveau que informa:

Novo do mês de dezembro de 1845.
Ato de nascimento de Jean Georges Renouveau, criança do sexo masculino, nascido a 7 do corrente às 10 horas da manhã, na rua Merlin em Bergerac, do casamento de Jules Renouveau, maitre d’hotel com 25 anos de idade e Marie Therese Delmas, sem profissão de 20 anos de idade, moradores da rua citada, declarações a nós feitas pelo pai, que mostrou a criança às testemunhas, senhores Louis Alexandre Marais, comerciante de roupa, com 38 anos e Jean Severin, garçon, de 32 anos, ambos habitantes de Bergerac.

Seguem-se as habituais frases de legalização do cartório e assinaturas.

Este documento serviu entre outras coisas, para definir completamente seu verdadeiro nome, sujeito pela ausência de controle do Brasil da época a inúmeras variações. No contrato de casamento ele é Jorge. No Almanak é George. Algumas vezes João Jorge, outras Jorge João e rarissimamente João. Sua mãe, no do-

cumento francês é Marie Therese, transformando no Brasil em Rosa.

Com base no documento, descobrimos a farmácia Jean Pic que ostenta um cartaz onde afirma ser a “Ancienne pharmacie Renouveau, Fondée en 1841”. Ainda hoje é um enorme casarão, com as características de então. Nosso biógrafo nasceu na parte posterior da casa.

Bergerac fica na região chamada Perigord, muito justamente famosa pelos seus vinhos. Ainda hoje, seus 25.000 habitantes direta ou indiretamente dependem dos vinhedos. Quando visitada, os interesses maiores se concentram nos castelos e pontes do século XII e, logicamente, o nariz de Cirano. Mas a pacatez atual nem sempre acompanhou a cidade. Durante a luta da Reforma e Contra-Reforma a região foi conturbada por dissensões externas e internas, ativadas pela cobiça dos dízimos de uma terra que rendia lucros a partir da fama do próprio nome.

Quase certamente Georges Renouveau foi dois séculos depois, uma consequência destas lutas, pois numa enfiadonha variação de Romeu e Julieta, parece que seu pai, originário de importante família protestante casou-se com uma descendente da tradicional facção católica. Os empecilhos são fáceis de imaginar.

E aqui o primeiro grande hiato. Entre seu nascimento e 1885 nada sabemos, nem mesmo a data de sua saída da França.

Também ele tenha vindo diretamente a São Paulo, ou antes passado uma temporada no Rio, em outro estado, ou ate mesmo na Argentina. Apenas podemos supor, que já na França ele era fotógrafo pois tendo parentes farmacêuticos seu ofício tornava-se uma espécie de extensão daquele. O conhecimento dos ácidos era importante para a nascente arte, praticada que era de forma artesanal. Ainda no fim do século isso era real, e entre os vários exemplos, é importante não esquecer a famosa Escola de Brighton, toda ela era formada de farmacêuticos.

Da esposa de Georges e família possuímos informações mais precisas. Segundo o contrato de casamento, Rosa Maria Martin era natural da França, mais precisamente Marselha, portanto, não muito distante de Bergerac. De forma estranha, o documento, logo após a palavra Marselha, acrescenta entre parênteses, Paris. Era filha natural de Jules Martin e Elisabeth Sandrieu. Jules foi personagem importante em São Paulo, e ainda hoje o é para a família.

Dando-se crédito às estatísticas, entre 1880 e 1885 anos em que Renouveau e Rosa Maria se conheceram, o contingente francês em São Paulo beirava 500 representantes. As características do momento propiciavam a união, contrariamente ao que aconteceu com os pais de Renouveau. Ele fotógrafo, o sogro entre tantas outras cousas, litógrafo. Com um círculo de amizades tão restrito e profissão com pontos de referência, o conhecimento e aproximação do casal não deve ter sido tortuoso. Além disso, para quem consultar os arquivos da Cúria, ficará patente a total impermeabilidade no cruzamento entre as várias raças. Souza casa-se com Silva, e Guimarães com Penteado. Paralelamente, Marini só se unia com Longhi ou Buso. Wright com Miller ou Cook, Fischer com Muller ou Wagner.

Diferentemente de Renouveau, seu sogro em vida foi figura influente dentro e fora da colônia, e após a morte teve vários esboços biográficos: Fixou-se em São Paulo em 1870, abrindo um dos primeiros cursos de pintura e desenho que tivemos. No ano seguinte introduziu nossa primeira litografia, usando também de maneira vanguardista o motor a gás, ainda no tempo de escravidão. Nos anos seguintes, publicou o primeiro mapa da Província, além da planta da Capital, obra de profundo valor histórico, e a cada tanto reeditada. A sua perseverança devemos a estátua de José Bonifácio. Mas onde sua visão e tino comercial atingiram o ápice, foi na instalação do antigo Viaduto do Chá, por ele importado da Alemanha e aqui montado peça por peça. Para executá-lo teve que vencer primeiramente a indiferença de todos, e posteriormente a obstinação de figuras tradicionais que colocavam interesses particulares acima dos públicos.

A partir de 1896, a Câmara Municipal discute outro projeto seu, também de cunho urbanístico, a construção de uma “galeria que saindo do largo do Rosário com direção a uma nova rua projetada entre as ruas do Comércio e 15 de Novembro e cruzando outra galeria da rua de São Bento a rua 15 de Novembro aberta ao trânsito todo o dia e noite”.

Mais uma vez a colônia francesa imperava. Nos anos seguintes ao matrimônio, os Renouveau tiveram três filhos Elisa, Maria e Paulo. Afora sua aventura cinematográfica, praticou a fotografia até quando sua saúde o permitiu. Sua filha nos narrou que os últimos anos foram muito difíceis, tanto física como financeiramente. Tudo indica que naquele período, sua esposa que em desvelo e atividade muito lembrava Jules Martin, carregou a responsabilidade monetária do lar.

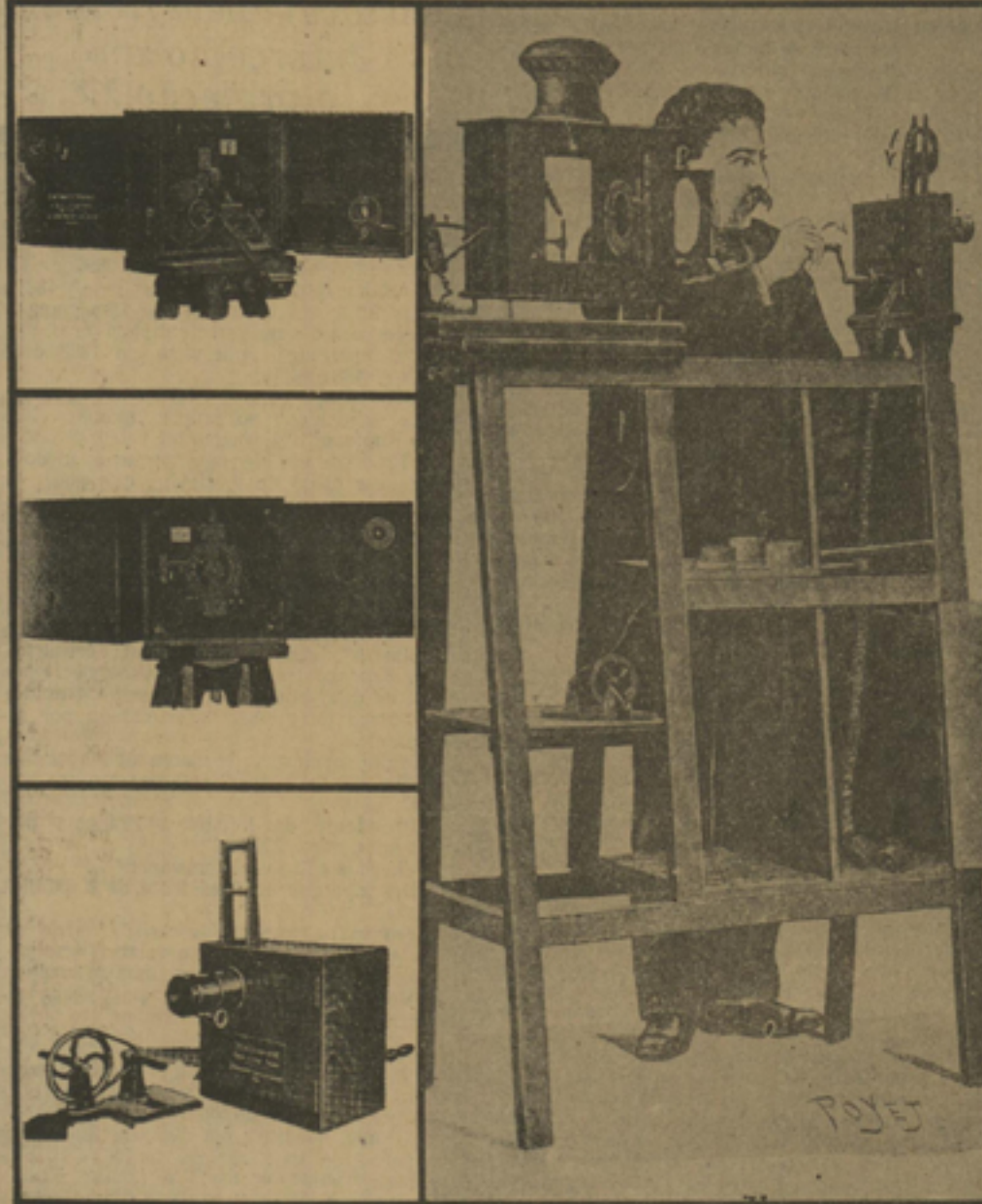
Entre as projeções da rua Boa Vista e seu obituário, a única documentação comprovada que temos são os anúncios nos jornais de então, onde a cada tanto ele procura copistas e laboratoristas para seu atelier.

1897

Nos fins de 1896, o cinema não está consolidado em parte alguma como indústria, e muito menos como arte. Até a passagem do século, continuará sendo encarado universalmente, como um entretenimento para as classes menos exigentes e carentes de verniz cultural. O fator cultural, principalmente, durante longo tempo entrará uma expansão maior. A ausência na produção dos filmes, de intelectuais mesmo de pequena expressão, dirige o produto para outro setor da sociedade, que o absorve em doses cada vez maiores, nada reclamando da qualidade, e nem mesmo se importando com as repetições intermináveis dos mesmos assuntos. O encanto mágico das fotografias animadas sobrepunha-se qualquer exigência maior. Formar-se um círculo vicioso. O cinema é repudiado pela classe média e rica, e aquele pouco se preocupando com estas. Somente a crise cinematográfica de 1908 iria impor à produção a procura desta faixa de público por ele desprezada, o que se conseguiria com o engodo do Film D’Art, lamentável abastardamento do pouco conseguido até ali, em termos estéticos, mas que se coaduna com a apoteose mental de uma classe que tinha algum verniz, mas pouquíssimo material onde aplicá-lo.

Como em qualquer arte ou indústria balbuciante, o artesanato predomina, encampando vários setores e divisões de setores. Normalmente ele é como Lumière, produtor, distribuidor e exibidor, sendo que no campo da produção desdobra-se em argumentista, diretor, iluminador, cenógrafo, ator, laboratorista, a exemplo de Meliès, William Paul, Edwin S. Porter, etc.

O aluguel ou venda do produto trará, lentamente, a primeira separação da trindade, inaugurando a fase dos caixeiros viajantes de imagem, percorrendo a sós ou entrosados a outros, também nômades, que se encarregaram de vulgarizá-la horizontalmente. Dez anos mais tarde, começará a fase vertical, já então extra-tificando os três ramos indispensáveis à sobrevivência do sistema.



Os aparelhos exigiam cuidados especiais



O cinematógrafo de Lumière

No Brasil, ele aparece através da fórmula da venda do produto, e assim permanecerá por muitos anos, salvo exceções raras e por vezes avencadas, sem o necessário apoio histórico.

É importante notar que por motivos algo romanesco como um grande incêndio e o desequilíbrio emocional de Renouleau, o cinema Lumière estreia em São Paulo, local de perspectivas paupérrimas, com pouca diferença de tempo de muitos países então em proeminência, inclusive na Europa.

Executando-se a França, Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, que ainda hoje se injuriam e estraçalham através de alguns historiadores, no afã de carrear para seus países a primazia da primeira projeção universal da arte mais popular e específica da primeira metade do século XX, outros países só assistiram ao cinematógrafo a partir do fim do segundo semestre de 1896.

- 1 de maio — Suíça
- 15 de maio — Espanha
- 19 de maio — Rússia
- 27 de maio — Romênia
- 7 de junho — Dinamarca
- 7 de junho — Jugoslávia
- 9 de junho — Holanda
- 16 de junho — Suécia
- 18 de junho — Portugal
- 7 de junho — Finlândia

No continente americano, além dos Estados Unidos só o México nos antecede. O Rio de Janeiro com um Omniógrafo adianta-se de poucos dias. A Argentina irá conhecê-lo em setembro e a Polônia a 14 de novembro.

A carência de informação nos nossos jornais e memorialistas fica patente nos acontecimentos que devem ter ocorrido entre as projeções Renouleau e o fim do trimestre de 1896. Não há, rigorosamente, uma citação ou insinuação de qualquer coisa que possa, próxima ou longinquamente estar ligada com cinema ou "fotografia animada". Ainda que a acitação não tenha ocorrido com o sucesso que Maria Renouleau afirma, a novidade deve ter sido não só rendosa, como outras projeções de outros pioneiros fatalmente ocorreram, pois de outra forma, a fotografia animada não estaria citada nominalmente como fonte de renda no sorvedouro da Prefeitura. Na previsão da receita e despesas para o ano de 1897 há uma minuciosa classificação de edifícios e estabelecimentos comerciais e industriais, a mais completa que se tem notícia desde a República, espelhando o que podia ser a cidade de São Paulo como potencial econômico no fim do século. Nos orçamentos seguintes as indicações serão sintéticas e esquemáticas. A importância da classificação de 1896 também pode ser avaliada pelas contínuas citações que recebe nos anos posteriores quando alguma profissão sofre mudança de grupo ou quando o local do estabelecimento é incorporado em outra letra.

Na tabela de Indústrias e Profissões a "fotografia animada" aparece isolada e pagando quantia das mais elevadas: 100\$000 por mês. No mesmo grupo classificatória aparece o "cosmorama" tributado de maneira mais amena: 200\$000 por semestre. Este divertimento é pouco citado pelos jornais e historiadores, no entanto ele é visto pelo legislador como importante fonte de renda e lembrado duas vezes: uma como indústria e outra como profissão, pagando o empresário de cosmorama e diorama, 5%. Este exemplo corrobora nossas suposições de um número bem maior de projeções, que os apontados nos jornais da época.

Com o mesmo preço da "fotografia animada" e com certa afinidade no campo do entretenimento aparecem também: Espetáculos de bonecos ou cavalinhos em teatros e circos: 30\$000 por dia. Espetáculos de fantasmagoria, prestidigitação, fauromágia, etc., 100\$000 por mês. Ópereta 50\$000 por espetáculo. Ópera 100\$000 por espetáculo. Dramático 30\$000 por espetáculo.

"É importante notar que por motivo algo romanesco como um grande incêndio, e o desequilíbrio emocional de Renouleau o cinema de Lumière estreia em São Paulo com pouca diferença de tempo de muitas capitais mais desenvolvidas da Europa"

Outros divertimentos e jogos de azar enfileiram-se longamente, mas nunca é demais citar outros três que há muito já estavam cristalizados nos nossos costumes por influência dos estudantes da São Francisco:

Circo 100\$000 por mês
Briga de galo 20\$000 por dia
Exposição de figuras, quadros, animais, fenômenos, etc., 10\$000 por dia.

E logicamente o fonógrafo, pagando 100\$000 por mês. A importância deste instrumento no gosto popular e flagrante, pois a taxa e aumentada para 200\$000 se ele estiver sendo utilizado em ruas, largos, etc.

E claro que não iremos cogitar de encontrar outras informações nos anuários estaduais ou federais. Neles, na divisão intitulada Moral, faz-se o recenseamento de jornais, bibliotecas e museus, ignorando-se por completo até o teatro, seja ele dramático ou lírico, e isso até 1907.

Por vezes a procura de uma confirmação de projeção de ordem histórica levou-nos a esbarrar em notícias diretamente relacionadas com problemas políticos, como a transcrição de um entrevero numa cidade do interior.

"Diz a Opinião de S. Carlos que na noite de sábado último quando o sr. Faure Nicolay exibiu o seu cinematógrafo, na ocasião em que apareceu o retrato do Marechal Floriano Peixoto houve um desagradável incidente entre dois cavalheiros, que perturbaram de alguma forma a boa ordem".

Que espécie de "retrato" pode ter levado ao acirramento de ânimo aqueles adversários políticos. Tratar-se-ia por acaso de alguma filmagem realizada no Brasil, ou o francês Faure Nicolay fazia uso de outros aparelhos, com alguma similitude cinematográfica. Particularmente, ficamos mais com a segunda hipótese.

A notícia desta exibição que somente meses após estrea na capital leva-nos também ao problema da chegada em São Paulo das companhias itinerantes. É sabido que muitas saíram do Rio de Janeiro ou Nordeste e chegavam à capital paulista através do vale do Paraíba, enquanto outras preferiam desembarcar no porto de Santos e dali chegar por via férrea à São Paulo.

Uma autêntica fixação no espaço e no tempo do cinema paulistano só será possível se, paralelamente, se historicar as projeções em outras cidades do Estado, especialmente aquelas que na época dispunham de um potencial econômico equiparável à Capital, como Campinas, Santos, Sorocaba e outras que usufruíam da riqueza cafeeira. Além do fim informativo deste trabalho, nos sentiríamos recompensados se outros interessados principalmente os fre-

quentadores de cine-clubes se pusessem a campo nas suas cidades com o mesmo intuito. Com a malha de informação crescendo, as possibilidades de um juízo crítico e histórico aumentariam consideravelmente.

Em janeiro de 1896 Faure Nicolay estará em São Paulo com o cinematógrafo. Que outras cidades percorreu? Qual a acitação? Só poderemos equiparar seu trabalho aos que europeus e americanos, nos mesmos anos, realizavam levando como caixeiros viajantes o cinema de cidade em cidade.

Quase certamente é a uma dessas exhibições que não deixaram rastro em jornais ou revistas que Jorge Americano se refere narrando suas impressões quando viu pela primeira vez o cinema, talvez entre 1897 — 1896.

"A primeira vez que ouvi falar em "fotografia animada" foi por Helena, minha prima, quando nos balançamos na rede a um canto da sala. Era mais velha um ano do que eu, e contou-me que tinham inventado um retrato que mexia. Era como o retrato da gente balançando na rede ficasse pendurado na parede, balançando sempre. Não era como a lanterna mágica, que só mexia quando a gente empurrava um cabinho ao lado. Comprava-se o quadro, pendurava-se na parede e as figuras ficavam mexendo sempre, como na hora em que se tirou o retrato.

A fotografia animada apareceu diferente do que Helena me disse. Rua XV de Novembro: uma campanha na porta e um homem gritando: "Val começai! Quinhentos réis, para adultos e duzentos réis para crianças com direito à pesca maravilhosa! Val começai!" Na ante-sala havia uns sarrafos cobertos de pano, fingindo um pequeno tanque furado no meio e alguém escondido lá dentro. A criança pegava numa vara e anzol, e o homem, lá de dentro, depois de ouvir o outro que gritava de fora: "E menino!", amarrava um macaquinho de arame enrolado em lá de bordar. Se menina, amarrava uma bonequinha, também de arame e lá.

Lá dentro, a sala retangular, com cadeiras austríacas. Molhavam o pano com esguicho de jardim e começava: um trem passando a ponte, um batalhão, uma procissão, tudo tremendo e rompendo-se a fita a todo o momento. Havia cabeças fotografadas mais perto, que tomavam a tela toda. Cabeças de assistentes retardatários passavam pela frente e interceptavam a projeção fazendo sombra.

Também viveram "como as rosas de Malherbe" outros dias, um onde está o Banco Novo Mundo, na rua João Brícola, outro no atual lugar do Banco de São Paulo.

Não eram distribuidores nem exhibidores. Eram donos das fitas. Alugavam sala, exibiam as mesmas fitas até esgotar-se o interesse e levantavam a tenda.

Entretanto, há um fato, incontestável: é que os lugares onde se instalaram aqueles três cinemas ficaram abençoados. Sobre cada um deles construiu-se um banco".

O gigantismo na exibição do produto, a multiplicação de cópias em péssimo estado e o "aprovechamento" com o espetáculo de variedades solidificaram a certeza de que a propagação do cinema em São Paulo, e certamente no Brasil, deuse de acordo com as características de sua evolução na Europa e Estados Unidos.

É sempre importante frisar o fato, dele destacar as "cabeças fotografadas mais de perto", hoje tecnicamente chamadas de primeiros planos: ou close-up coisa rara para a época. Logicamente devem tratar-se de filmes da escola inglesa; pois os demais países enquadram as pessoas de corpo inteiro, exatamente como as vemos no palco. A influência teatral nos primeiros anos do cinema foi brutal, pois normalmente os filmes eram realizados por artistas de vaudeville. Isto contrastava com a escola inglesa, toda ela originária da fotografia, portanto desvinculada de tabus teatrais e não temendo seccionar as pessoas pela cintura ou cabeça.

Já nessa época 1897 começaria um comércio incipiente daquilo que bem mais tarde será a locação, venda ou aluguel do produto cinematográfico ou seja, o que hoje denominamos distribuição. O Diário Popular estampa um anúncio que diz bem da situação.

Photo Vivo
PHOTOGRAPHIA ANIMADA
AVISO

As pessoas que tiveram a fineza de confiarem encomendas para esta útil e agradável diversão, participamos que acaba de chegar uma remessa de coleções de doze exemplares variados. Cada exemplar 5\$000.
(OPINIÃO DA IMPRENSA).

— AO ALCANCE DE TODOS —
Os Srs. Pauperio Cia. tendo visto que em São Paulo nem todos tinham apreciado o "KINETOSCÓPIO" ou antes a Photographia Animada, resolveram mandar vir pequenas coleções de photographias animadas nas quais se vêem todos os movimentos dos indivíduos, as photographias vêm perfeitamente arranjadas, sendo interessantes as coleções. As que receberam são: UM BELIO FURTADO ENTRE UM APERTO DE MAO, UM BOCK TOMADO NO JOGO DE CARTAS E UM BRINQUEDO DE CRIANÇAS. Agradecendo a remessa recomendamos ao leitor adquirir uma coleção que é de preço cômodo e divertido.

As encomendas só serão respeitadas até o dia 15 de outubro.

Rua da Quitanda, 6
Pauperio Cia.

Poucas dúvidas podem restar. As tais "photographias perfeitamente arranjadas" não são um filme, mas talvez material de um "American Mutoscope", ou qualquer outro instrumento da pré-história do cinema, comum neste período. É importante o fato de relacionarem não importando se de boa ou má fé, este com aquele. Se na França, alguns anos após a projeção Lumière, segundo Sadoul, muitos confundiam o espetáculo de Sombras Chinesas com o cinema, imaginem em São Paulo, com meios mais caros, rentes de comunicação, como deveria ser. Não é de estranhar, portanto, tanta confusão entre o Kinetoscópio, e não Kinetoscópio, e cinema. No aparelho patenteado por Edison a projeção processava-se numa grande e complexa caixa eletro-mecânica, visto através de uma lente de aumento, portanto possível para uma só pessoa, que normalmente também se servia de um gramofone, hoje chamado fonógrafo.

"O cinema Lumière" era então um pequeno aparelho, normalmente tendo as triplices funções de projetor, filmador e copiador, sendo o espetáculo apresentado numa tela grande, apreciada por dezenas ou centenas de espectadores e, excepcionalmente, com o emprego do som.

A repercussão do anúncio deve ter sido fulminante pois ele deixa de aparecer nos dias consecutivos, coisa não comum com outros produtos. Quase um mês depois ele volta, só que para anunciar a venda de outros "25 EXEMPLARES".

O comércio intensifica-se. Logo após um matutino a 6 de novembro, anunciava:

PHOTOGRAPHIA ANIMADA
500 RS. 40 diversos objetos
Vende-se numa charutaria central
Rua Rosário nº 2

Vê-se portanto, que as possibilidades da coisa anunciada ser filme é bastante remota. Fica evidenciado tratar-se de algum divertimento ótico, que devido ao sucesso das várias exhibições do cinema, o vendedor tenta de forma enganosa ou não relacionar com "photographia animada".

Simultaneamente, o mesmo jornal anuncia outro produto, que teria seu reforço motivado pelo cinema

LANTERNA MÁGICA
"Vende-se barato um excelente Siflorama inglez, adaptado a querosene. Projeta nitidamente quadros de 1,20 x 1,50. Só uma das vistas de

movimento custou 53. Quem quiser deixe carta a Joyce, indicando onde será encontrado.

Nos anos seguintes jornais especializados em anunciar coisas populares, como A Plátéia, Diário Popular, A Nação e A Noite teriam com constância anúncios de Lanternas, Fonógrafos e afins. Saliente-se que a 31 de julho de 1897 o Rio de Janeiro ganhava sua primeira sala fixa de projeção. Caso haja documentação irretorquível o Brasil poderá estar entre os vanguardistas das exhibições pois Jean Mithy,

"Por vezes a procura de uma confirmação de projeção de ordem histórica levou-nos a esbarrar em notícias diretamente relacionadas com problemas políticos, como a transcrição de um entrevero numa cidade do interior, quando dois cavalheiros se agrediram por causa de um retrato do Marechal Floriano Peixoto."

possivelmente o mais honesto e perseverante historiador que tem o cinema, afirma que na França por muitos meses só a sala do boulevard du Capucini, pertencente aos Lumieres era fixa, vivendo portanto, da rotatividade todos os outros projectionistas.

Em outubro deste ano abre-se outra sala fixa no bairro de Saint-Denis. Em outros países só a partir do segundo semestre de 1896 é que apareceram os primeiros cinemas.

Esta sala carioca apresentava-se com o nome de "Salão Parisiense no Rio" e pertencia a Paschoal Segreto. Em 1.900 teremos em São Paulo apresentações de cinema num ambiente intitulado "Paris em São Paulo" de propriedade de Segreto.

Adhemar Gonzaga cita, além desta projeção, várias outras em 1897 contrastando inteiramente com o panorama paulista. A ele também devemos a informação de que o casal Apolonia Pinto — Germano Silva apresentou num dos entreatos do seu espetáculo teatral "um legítimo cinematográfico Lumière, o primeiro e único da América do Sul", que foi recebido entusiasmadamente pelo público e por Arthur Azevedo, que o registrou nas páginas de O País. Quase certamente o casal nada sabia de Renouleau, daí o "Primeiro e único".

Ainda de Adhemar-Gonzaga é significativo lembrar que ele levanta a hipótese de ter-se filmado no Brasil em 1897. Ele informa que: "Um brasileiro que teve a idéia e a iniciativa na realização de um filme, ficou logo sem a câmera. Mas, em todo o caso, entre outros apresentava-se na tela a visita da comitiva de Floriano a bordo do "Benjamin Constant", um nome, até hoje muito conhecido, não é estranho a esta iniciativa..."

Como ele afirma que "Em 1897, longe do Rio e de São Paulo... alguém houvesse projetado cenas brasileiras..." ficamos na dúvida se este acontecimento tem alguma relação com o incidente na cidade de São Carlos.

1898

Este parecia ser o ano da consolidação do cinema entre nós. Pelo menos o primeiro trimestre assim levava a crer.

Logo nos primeiros dias de janeiro anunciava-se o espetáculo da "Companhia de Variedades Francesas" de Faure Nicolay no jornal de São Carlos Opinião. Só agora, três meses após o incidente causado pela projeção do retrato do general Floriano o filme chegava à São Paulo.

Theatro Apollo

"Cia. Variedades Francesas do ilusionista Faure Nicolay". Entre outras coisas anuncia com bastante destaque "O Diaphanorama Universal". Deslumbrantes quadros fantásticos em perfeita combinação com o célebre cinematographo, maravilhoso aparelho que reproduz os movimentos da vida e a Photographias animadas apresentadas pelo distinto Professor elétrico, o célebre matemático Mr. Luiz Nicolay".

A descrição do anúncio faz pensar em algo que se aproxima do "Teatro de Praga", coisa que a tecnologia tornou possível. Na época, o fator adverso representado pela inconstância da energia elétrica deve tê-lo tornado impraticável.

Nas seções de espetáculos e variedades, misturada a notícia circense, operísticas ou mais acidentadamente, noticiando as novidades do teatro parisiense, surgem algumas notas na Plátéia, A Noite e Diário Popular onde fica patente a acitação entusiástica do público para com o cinema. Esta foi também uma das temporadas mais curtas, daí então novidade pois o tal Diaphanorama só funcionou de 8 a 15 de janeiro, quando a Cia. deixa São Paulo.

Após as exhibições não documentadas que fatalmente devem ter ocorrido no ano anterior, o normal seria um acréscimo nas publicações de jornal estratificando a moda do novo aparelho, apresentando alguma sala com projeções mais ou menos constantes, uma coluna especializada nos jornais, a notícia do surgimento ou sua acitação pública através de algum colaborador do Correio, O Estado de S. Paulo, Diário em artigos onde ficasse documentado o fato, ou como era comum nos comentaristas de A Plátéia, ironizando-a. Porém nada disso acontece.

A situação é verdadeiramente espantosa quando a consulta chega aos vários memorialistas. Ao lado da documentação farta, tanto de ordem científica quanto anedótica, na transição do bonde a burros pelo elétrico, viajantes famosos, inauguração de pontes ou obras arquitetônicas, e notícias inconseqüentes, Cursino, Antonio Egidio Martins, Nuto Sant'Ana, estendem-se nestes e em outros assuntos de importância menor, tanto para a época como para o futuro, e nada citam daquilo que representa para o nosso século, o que a cathedra significou para o homem do século XII, XIII e XIV. Poucas referências são feitas, só depois da primeira década do século XX. Note-se que dois deles devem ter sido "habitueus" de teatros, circo, e variedades pelas referências constantes e circunstanciosas destes espetáculos, mas não intuíram a importância do maior catalizador de transformações sociais, espécie de radar absorvedor e transmissor de tudo que de importante tivemos neste século, desde o cultural até o recreativo. Cursino deixou bem claro o preconceito da época em relação ao cinema ao afirmar que o Teatro Sant'Ana diminuía-se quando por carência teatral exhibia filmes... "onde, por ironia da sorte, às vezes desce à condição de cinema".

Jorge Americano parece ser o único que descortinou sua importância, deixando-nos uma descrição fotográfica do fato.

Outra exibição de espetáculo cinematográfico historicamente comprovada aconteceu no mês seguinte, novamente no "Apollo". Uma equipe que se apresentava sob o nome de "Grande Companhia Excêntrica" desfilava nos anúncios de vários jornais uma litania de cancionistas, equilibristas e mágicos. Por último, aparecia o "Cinematographo Lumiere" acrescentando que se tratava do "melhor até hoje apresentado no Brasil, segundo opinião do público e da imprensa". No mesmo anúncio mais abaixo citava-se também um "photographo Edison" funcionando a partir das 10 horas da manhã. Repetia-se mais uma vez a aproximação fonógrafo-cinema, comum em todo parque de diversão até os primeiros anos deste século.

Quatro dias após a estreia da "Grande Companhia Excêntrica", a 18 de fevereiro, começava o carnaval. Neste período o "Apollo" serviu como salão de baile apregoando-se com estardalhaço que o recinto seria iluminado com luz elétrica, fato que diz bem da excepcionalidade do seu emprego, provando a assertiva de Maria Renouleau e de historiadores de cinema brasileiro.

No período carnavalesco alguns jornais dizem que antes do baile, artistas da "Excêntrica" cantariam. Outros anunciam o cinematógrafo.

O locador que mais deve ter auferido naqueles quatro dias, não foi nem o Conde Romano, nem qualquer outro proprietário ou sub-locador dos salões de baile, mas sim os "alugadores de janela". Todos os jornais regorgitavam de anúncios de casas que alugam seus postigos para os apreciadores do préstito na rua Direita, XV de Novembro, Boa Vista, São Bento, etc. Os hotéis localizados na área do curso tem seus quartos com frente para a rua, alugados com antecedência de vários meses.

No dia 24 os anúncios do "Apollo" refletem uma evidente melhoria na aceitabilidade do Cinematographo Lumière. Ele deixa de constar em último lugar, com letras miúdas. Agora vem evidenciado, em negrito corpo 14. A Nação publica os maiores anúncios, dando como adendo a relação dos filmes que serão projetados. A exemplo da sessão Renouleau, a maioria dos filmes programados pode ser identificada no Catálogo Lumière. No dia 2 de março anunciase:

Desfilé das tropas alemãs perante Guilherme segundo

Saída de uma missa na Catedral de Rom

Cortejo do casamento do Príncipe de Nápoles

Passagem da Rainha Vitória

Tempestade no mar — Viajantes e ladrões

Desembarque do Presidente da República Francesa em Carnet

Batalha de flores e desfile das carruagens no Highlife parisiense.

Briga de mulheres

"Défilé de hussard devant Guilherme II"

leva o nº 223 e deve-se a um dos principais cinegrafistas da produtora: Prômio. Ele e Mesguich serão os primeiros caçadores de imagens.

Semanalmente a partir de 1896, o público de todo o mundo tomará contacto com a última forma de comunicação do século XIX: o cinema. Devemos, principalmente a Prômio e Mesguich, que enfrentando toda a sorte de aventura, por vezes até a cadeia, como nos narra o segundo número biografia dos primeiros dias do cinejornal, Tour de manivèle, a internacionalização da imagem. A Europa, Ásia, América e até Austrália tornaram-se familiares a todos.

O cortejo do casamento real tem o nº 283,

"Lá dentro, a sala retangular com cadeiras austríacas. Molhavam o pano com um esguicho de jardim e começava o filme: um trem passando a ponte, um batalhão, uma procissão, tudo tremendo, tremendo e rompendo-se a fita a todo momento. Havia cabeças fotografadas de perto que tomavam a sala toda, cabeças de assistentes retardatários passavam pela frente e interceptavam a projeção."

e a saída da missa deve ser o 284, que no Catálogo é apresentado como "Fin du cortejo do marriage du Prince de Naples". Este casamento realizou-se em Roma.

As festividades de jubileu em 1897 da famosa rainha ganharam 9 filmes de nº 488 a 494. Os últimos 7 números, são filmagens de várias corporações militares e diplomáticas, portanto a reportagem aqui vista em 1898 deve ser a de nº 488 ou 489.

"Gros temps de mer" leva o nº 52 e sua autoria é atribuída ao próprio Lumière. Nas "Vues comiques" "Voyageur et voleurs" levam o nº 121. Trata-se de uma pequena anedota, filmada em estilo de vandeville, que pode ser vista no documentário "Cinematographo Lumiere".

A viagem do presidente Félix Faure a Vendée necessitou de 19 filmes, cada um deles variando entre 40 e 45 segundos. O desembarque em Carnet é de número 470. A "Batalha de flores" teve 3 filmes de nºs 624 a 626. "Briga de mulheres" devia ser um dos mais apreciados, pois o catálogo traz inúmeras variações como "Briga de duas mulheres", "Briga de 4 mulheres", "Briga de mulher interrompida por cachorro", etc.

No dia seguinte, 3 de março alguns jornais, especialmente "A Nação" noticiavam outro programa.

"Presidente da República Francesa passando nos Campos Eliseos"

"Chegada à Exposição em vapor"

"Desembarque do Presidente da República Francesa"

"Entrada na exposição de Paris"

"Desfilé do regimento de cavalaria francês"

"Exercício de artilharia em linha de fogo"

"Metamorfose de Fausto e aparição de Margarida"

Os primeiros seis filmes norteam clarmente o futuro insucesso da produtora Lumière. No fim do segundo ano de existência as repetições já são tão enfadonhas que localizar-se por exemplo, qualquer um dos seis títulos iniciais tornou-se uma agrura, tantos eles são. Mas para compensar havia o famoso Fausto e Margarida. Encarregou-se deste filme Georges Hatot, que, a partir de 1897, fará filmes cômicos, de truçagem ou de personagens históricos. Eram



O jardim de

As exceções da produtora, orientada para o noticioso. No mesmo ano no Catalogo Mèliès também consta um "Faust e Marguerite" (scenes a transformation) de nº 138. Cabe, portanto, a pergunta. Quem estava influenciando quem? Ou os dois já teriam visto e se "inspirado" — para não falar "apropriado" — em algum filme inglês da escola da Brighton.

Ociosos seria falar do assombro que estas trucagens conseguiram e também do número incrível de inimigos que o cinema angariava com estas demonstrações tidas como satânicas.

Mas nesta noite o projetor deve ter apresentado algumas irregularidades. No dia seguinte os jornais que comumente fazem a cobertura do "Apollo" estão reticentes. Através de evasivas eles anunciam a suspensão da sessão do dia 4. Somente o jornal A Noite explica o motivo:

“A noticia fixa com amplidão a profunda força que o cinema já conseguira. Ele que começara humildemente citado em último lugar, em poucos dias tornara-se o catalisador principal e agora atingia o cume. Todo o espetáculo era suspenso, porque um defeito obrigava a paralisação do projetor.”



A atração pelo Kinetoscópio



A pose do guerreiro



A magia das imagens

Sabemos que hoje não há função no Theatro Apollo em vista de não ter aprovado uma das lentes novas vindas da Europa, para o cinematographo Lumière.

A noticia fixa com amplidão a profunda força que o cinema já conseguira. Ele que começara humildemente citado no último lugar, em poucos dias tornara-se o catalisador principal, e agora atingia o cume. Todo o espetáculo era suspenso, porque um defeito obrigava a paralisação do projetor.

No dia 5, último da "Excentrica" em São Paulo A Nação apresentava a programação para a noite de despedida:

Saída da catedral de Roma em dia de missa
A Via Dolorosa e a entrada do Santo Sepulchro

Saída do mercado da Turquia
Atribulações de um criado como porteiro
Jardineiro italiano
Cortejo do casamento da princesa da Inglaterra

Cenas infantis
Grande tourada na Espanha
Briga de mulheres

A sessão começa com a repetição de filmes dos programas dos dias 2 e 3. Este era o processo usual em todos os países. A aceitação pública, os aplausos e os pedidos de bis formavam um ótimo termômetro de aferição.

Em 1896, Promio viajou pelo extremo Oriente enviando material filmado principalmente nos locais que tiveram alguma importância no Novo Testamento: Jafa, Jerusalém, Belém e Damasco. O nº 403 aborda o Santo Sepulchro e o seguinte a Via Dolorosa. Em Jafa ele fixou pela centésima vez a chegada de um trem que leva o nº 294. Os trens seguintes recebem o breve título: "Marchê", "Atribulações de um criado como porteiro" da autoria de George Halot, certamente uma comédia, de nº 676. "Jardineiro italiano" não conseguimos identificar. "Cortejo do casamento da princesa da Inglaterra" leva o nº 248 "Cenas infantis" a exemplo de chegada de trens, briga de mulheres, desfiles militares, corações ou lançamentos de navios, pode ter pelo menos uma dezena de opções. Fatalmente será uma cena familiar dos Lumière, com os netos de Antoine comendo, brincando, tropeçando nos primeiros passos ou brincando com cães e gatos.

A exemplo de outras projeções, na sessão de notícia dos espetáculos há quase uma repetição, palavra por palavra da aceitação entusiástica do público que indica a existência de um número maior de projeções, não documentadas.

Esta aceitação já ficara patente desde a estréia, pois os noticiários diziam do espetáculo, após tecer algumas considerações acerca dos cantores, mágicos e outros participantes. "Mas o sucesso da noite foi sem dúvida o Cinematographo, que o público recebeu com salva de palmas, pedindo bis de algumas vistas."

O sucesso é tão grande, que em certo momento os anúncios se preocupam apenas com o aparelho, minimizando o restante da Companhia, como o incidente do dia 4 de março.

Este fato prova, já naquela época, o poder hipnótico que o cinema exercia sobre as platéias, e não fora o inconveniente com a distribuição irregular de energia elétrica, ele teria aqui, até a passagem do século, a mesma importância que teve na Europa e América. Prova também que o receio de alguns artistas no sentido de perderem para sempre seus trabalhos para uma máquina inerte, passiva, nunca reclamando, sem filiações sindicais ou ideológicas, bem mais cômoda de deslocar-se do que uma "troupe" de 20 ou 30 pessoas com problemas pessoais e algumas toneladas de equipamentos, era bem fundamentado, e anos depois se concretizaria. Mas outras formas de "capitalização" também podem ter ocorrido, pois um jornal noticiava que uma das cantoras da "Excentrica", Mlle. Iwona deixava a companhia para viajar a Ribeirão Preto, voltando depois a São Paulo para fundar um "cabaret" do tipo Chat-Noir de Paris. A 7 de março a Companhia encerra seus espetáculos, anunciando que partia para Campinas.

Se houve outras exhibições de cinema, além destas, na "Companhia de Variedades", elas não constam dos meios de divulgação da época.

Ao lado desta única exhibição oficial do cinema em 1896, nota-se também uma continuação no comércio de aparelhos que funcionavam paralelamente ao cinema.

Phonographo de Edison
"Vende-se um bom Phonographo, próprio para viajar pelo interior, com um bom repertório, tendo caixa acolchoada para transporte dos tubos, vende-se em boas condições, podendo ser parte a vista e parte a prazo, com garantia. Preço mínimo 1.200\$000; ver e tratar na Rua José de Alencar, 50 — Braz".

Lanterna Mágica
"Compra-se uma para photographo em bom estado.

Cartas nesta redação para Z.Z."

A 30 de julho a platéia publicava um anúncio, que a exemplo dos anteriores repetia-se apenas por dois ou três dias, enquanto ofertas de outras coisas permaneciam quinze dias e até meses.

Phonographo — Cinematographo
"Vende-se em boas condições essa duas máquinas quasi novas. Phonographo Edison —

Grande modelo cinematographico — sistema Joly — c/ vistas. Tratar c/ Breton à rua Boa Vista, Hotel Jardineira".

O parentesco fonógrafo — cinema é aqui apresentado de forma xipófaga. O nome do vendedor tem implicações gaulesas e o "sistema Joly" deve trazer sorrisos ambíguos aos conhecedores do submundo político-policial da pré-história do cinema americano e francês.

1899

O ano de 1899 começa de forma ainda mais auspiciosa para o cinema que o primeiro trimestre de 1898, justificando desta forma sua inclusão nos impostos municipais, já com seu nome oficializado e seguido da taxa: "cinematographo — 100\$000 por mês". Fonógrafos e os vários aparelhos que já haviam perambulado por São Paulo são englobados na categoria de "photographia animada", pagando também 100\$000 por mês.

Paralelamente também informava-se:
ULTIMAS EXIBIÇÕES DO MUTOSCOPIO
Rua São Bento, 14

A mais maravilhosa de todas as invenções modernas, reproduzindo com a maior fidelidade a vida e os movimentos em quadros animados de tamanho natural.

Não deixem as exmas. famílias de ir visitar tão recreativo e cômico espetáculo e não percam tempo, pois é esta a última semana.

Programa caprichosamente escolhido entre as melhores vistas do repertório.

GARGALHADA — GARGALHADA
Funções todas as noites das 6 e meia da tarde em diante.

Como o anúncio informa no cabeçalho tratar-se das últimas semanas, pode-se deduzir que as projeções tenham começado no início de fevereiro, pois na maioria das vezes o aluguel do local não se fazia em tempo menor de trinta dias. Uma provável baixa no interesse público deve tê-lo levado ao anúncio, ficando o fato registrado para a história. Dias após, a 27 de fevereiro, o mesmo jornal na seção "THEATROS E DIVERTIMENTOS" informa que "O MUTOSCOPIO CONTINUA AINDA A EXIBIR AS LINDAS VISTAS DESTA APARELHO", nada informando sobre o término das projeções.

Caso elas não se tenham encerrado até o último dia daquele mês, fatalmente colidiram com outra que projetava-se no Progredior".

THEATROS E VARIEDADES
"Cinematographo — no Salão Progredior deve instalar-se hoje um excelente aparelho Lumière, no qual são reproduzidas com muita nitidez e naturalidade grande cópia de quadros dissolventes.

O público não deve perder a ocasião de ir ver o cinematographo, porque além de ouvir o sexteto do Progredior é o mesmo dirigido por hábil artista e custa a entrada a insignificância de 2\$000."

O "Progredior" deve ter lançado o cinema como atrativo em bares e café dançante. Futuramente este local, assim como o "Apollo" abrigaria com constância as projeções animadas.

Parece no entanto que o sexteto citado, às vezes transformado em quarteto, era a atração maior e perene, pois toma o nome do próprio local, sendo sempre anunciado como "Sexteto Progredior". Aliás, é interessante notar que este nome ao lado de uma apoteose ao progresso, falam bem da exaltação positivista nos primeiros anos da República. Dias mais tarde, outro anúncio informa o programa cinematographico:

É possível duvidar-se que o aparelho fosse realmente um Lumière. Que o nome do pioneiro fosse usado apenas como chamariz, era comum pois ele tornava-se tão famoso e popular entre 1896 e 1900, como presidente da França ou Sarah Bernardt. Impossível é duvidar da procedência dos filmes, pois quase todos eles podem ser facilmente localizados no Catalogo Lumière.

"Desfile de caçadores alpinos e batalhão em massa" foram filmados antes de 1898 no 2º Batalhão de Caçadores Alpinos. A corporação foi filmada várias vezes entre 1896 e 1900 através do 6º, 24º e 27º batalhões em vários setores de atividade. Devido ao curto tamanho das películas, cada atividade ganhou um título particular. Seus números vão de 176 a 181, constando como título original "Défilé du bataillon en Masse" traduzido por "Um batalhão em massa".

"Briga de mulher" era também assunto muito apreciado e Lumière tem vários no Catalogo, a maioria sem nenhuma filiação jornalística, pois foram dirigidas por Georges Hatot, "Briga de mulher interrompida por um cachorro".

"A Briga" aqui projetada deve ser a de nº 100. "Carnaval em Nice" ganhou 8 aspectos diferentes que vão dos nºs 138 a 145. Sobre a Rainha Vitória no seu jubileu em 1897 filmaram-se 9 aspectos, abrangendo os nºs 488 a 496. "Os banhos da Alvorada em Milão" deve ser o nº 279. "Batalha na neve" faz parte da "Vues comiques" com o nº 101. "Três amigos em divertimentos" deve fazer também parte da "Vues Comiques". "Chegada do trem" era o prato de resistência de toda programação Lumière e refilmada tantas vezes, em tantas cidades que se torna impraticável em 1899 decidir-se sobre alguma. "Partida de cães para uma caçada" é uma incógnita, ou o título original deve ter sido substancialmente modificado.

Ainda no primeiro trimestre de 1899, tivemos outras exhibições, quicá simultâneas a estas duas, pois a 20 de março A Platéia, na primeira página, informava sobre projeções cinematográficas em outro café-concreto, "O Eldorado". Nos elogios encomendados de sempre, repetindo as mesmas frases indefinidamente, como o Bolero de Ravel, após adjetivar o conceitista e o ventríloquo, e exultar a pericia do mágico às culminâncias, acrescenta:

O SR. MAIA APRESENTARA UM NOVO APARELHO INTITULADO "AMERICAN BIOGRAPH", MAIS APERFEÇOADO QUE O CONHECIDO CINEMATOGRAPHO.

Quando começaram as lutas intestinas no grupo Edison, um dos primeiros a rebelar-se foi William Kennedy Laury Dickson, que tivera participação importante na criação do Kinetoscópio. Ele e o mecânico Fred Ott continuaram as experiências do aparelho em formação no super secreto "Compartimento nº 5" de Menlo Park, enquanto Edison visitava a Exposição Universal em Paris, e recebia condecorações em vários países.

"Ao voltar, ele já encontrou funcionando, um aparelho que projetava a imagem animada do mecânico Ott, ao mesmo tempo em que este perguntava: — "então Edison, está satisfeito com a sua nova invenção?"

Sadoul, com muita razão, lembra que neste momento não só o cinema estava inventado, como também o cinema sonoro.

E evidente, portanto, a participação de W.K.L.D. no kinetoscópio, sem bem não tanto quanto ele próprio reivindicava num opúsculo de sua autoria.

Ao desligar-se de Edison, ele passa a trabalhar num processo diferente para obter o mesmo resultado, podendo fugir assim às patentes que ele mesmo ajudara a criar.

O primeiro resultado é um MUTOSCOPE. Uma série de fotografias ou desenhos com animação armada ao redor de eixo. Girando-se a uma velocidade adequada a este eixo, as imagens ganhavam aparência de movimentação, vistas através de uma lente de aumento. Seu uso era portanto individual. Ainda hoje é possível admirar-se alguns aparelhos semelhantes, usados em escritórios como fichário.

A fase seguinte foi adequada para uso coletivo. Uma câmara com negativos de bitola bem maior que a do Kinetoscópio e da câmara Lumière, já fora construída para fornecer fotografias com animação para o mutoscope. Restava construir um projetor. Pouco de pois ele surgia, também com bitola semelhante ao filmdor, ganhando o nome de "AMERICAN BIOGRAPH".

Para fugir novamente a possíveis queiras de patente, tanto o filmdor como o projetor tinham um complexo sistema de tração do filme, partindo-se ao menor discuido, mesmo com pessoal altamente treinado pela companhia. Porém, numa época onde a granulação era fator primordial, o tamanho gigante do fotograma permitia uma projeção superior aos outros sistemas, donde a justiça do anúncio.

Dias depois, o mesmo jornal, num dos comuns enganos de imprensa, muda o nome, exaltando a concorrência pública que o ANIMATOGRAPHO está tendo no Eldorado.

A nova denominação não era neologismo

do redator de notícias, mas um dos tantos nomes diferentes para a mesma invenção ligeiramente modificada.

"Eldorado" seguia as pegadas do "Progredior" na utilização do cinema como chamariz. Aparentemente, porém, o Eldorado devia ser um ambiente menos refinado que o do Progredior.

"Eldorado — Bom e, ao mesmo tempo, mau. Bom porque um espetáculo variado e interessante, mau porque houve um tempo quente, do qual saíram com ligeiras echymoses os pacatos hábitos que ali se vão divertir à noite.

Um oficial de Polícia, segundo consta, foi o promotor do barulho, que poderia ter consequências graves, se não fora a presença e critério de uma autoridade militar."

Este incidente deu-se poucos dias após a estréia, fato que o Correio Paulistano registrou a 11 de fevereiro:

"Sabem os sr.s onde é o Eldorado? Pois se não sabem eu lhes digo: o Eldorado está situado na rua de São João junto ao Polyteama, no mesmo local onde foi o antigo boliche, hoje transformado num magnífico ponto de reuniões, onde dentro em pouco tempo, teremos um ótimo café-concerto. E realmente ficou de primeira ordem a transformação."

A fixação do Eldorado na então rua São João, na proximidade de onde hoje aparece a passagem de nível do Anhangabau com a Av. São João, trazia os germes do novo século, que aos poucos deslocaria as casas de espetáculo do famoso triângulo São Bento — XV de Novembro — Praça da Sé, para a avenida São João e travessas, formando, a partir de 1930, a cinelândia paulistana.

Já naquela época, o local era famoso durante o dia pelo agrupamento desordenado de casinhas cobertas de zinco, que o público identificava como mercado, onde o palavrão corria solto ao lado dos pregões. O cair da noite trazia outra fauna para povoá-lo: os frequentadores do Polyteama, e, incrivelmente... os de uma galeria de tiro ao alvo vizinha ao teatro, que como já falamos não dispunha de ambiente acústico, começando pelo teto, também de zinco como o do mercado logicamente não primavam pelo apuro artístico.

“O sucesso do cinematographo é tão grande, que em certo momento os anúncios se preocupam apenas com o aparelho, minimizando o restante das atrações dos espetáculos. Este fato prova já naquela época o poder hipnótico que o cinema exercia sobre as platéias, e não fora o inconveniente da distribuição irregular de energia elétrica ele teria aqui em 1898 a mesma importância que teve na Europa.”

Após o início de um promissor, as notícias cinematográficas desapareceram por completo, enquanto timidamente no início, e depois em tom dramático, os jornais passam a abordar o crucial problema da peste bubônica que só amainará no início do século XX.

Ao lado dos artigos de higienistas e médicos que tentam amparar o povo com os métodos de combate ao mal, proceres, secretários e deputados da ala governamental tentam minimizar defeitos da epidemia... porém, breve os hábitos deileitar-se-ão com fulgurantes estrelas que já vêm fazendo o perihélio em redor do Eldorado, astro luminoso da Bechemia que se diverte alegremente, sem se preocupar com a crise que a todos assobberba.

Como possível reflexo da crise, este ano apresenta um movimento de ofertas de vendas de aparelhos cinematográficos, fonográficos, e afins que excede pelo menos em dobro o do



Motivos para o Kinetoscópio

Phonographo de Edison
"Vende-se um bom Phonographo, próprio para viajar pelo interior, com um bom repertório, tendo caixa acolchoada para transporte dos tubos, vende-se em boas condições, podendo ser parte a vista e parte a prazo, com garantia. Preço mínimo 1.200\$000; ver e tratar na Rua José de Alencar, 50 — Braz".

Lanterna Mágica
"Compra-se uma para photographo em bom estado.

Cartas nesta redação para Z.Z."

A 30 de julho a platéia publicava um anúncio, que a exemplo dos anteriores repetia-se apenas por dois ou três dias, enquanto ofertas de outras coisas permaneciam quinze dias e até meses.

Phonographo — Cinematographo
"Vende-se em boas condições essa duas máquinas quasi novas. Phonographo Edison —

ano anterior. O mais importante deles é um aparelho em agosto. ()
CINEMATOGRAFHO COM VISTAS
VENDE-SE POR PREÇO COMODO; PARA
TRATAR
RUA S. JOAO, 110
Seria este o aparelho que andou trabalhando no "Progredior" em março e abril e agora era vendido no auge da crise para cobrir eventuais dívidas? O mesmo poder-se-ia indagar da lanterna mágica também anunciada.
LANTERNA MAGICA
VENDE-SE UMA COM 50 VISTAS
RUA S. JOAO, 55

Os anúncios aprogoando as maravilhas dos raticidas e das crioulinas desinfetantes, ocupando boa parte das páginas são o melhor desmentido às afirmações governamentais.
Como toda ação provoca uma reação igual e contrária é possível esbarrar-se com trechos que à primeira vista, dão a idéia de um ambiente róscio. ()

“No meio de todo este resguardo espetáculos eram anunciados no Jardim da Luz, local de acesso um tanto penoso passando por vielas tortuosas, com lama abundante nas chuvas e buracos copiosos nas secas. O Jardim era todo gradeado”

No meio de todo este resguardo, espetáculos eram anunciados no Jardim da Luz, local de acesso um tanto penoso passando por vielas tortuosas, com lama abundante nas chuvas e buracos copiosos nas secas. O Jardim era todo gradeado, com ingresso pago, sendo mais conhecido como horto, procurado aos domingos pelas famílias de posses para animados piqueniques. Este "bucólico" e ermo local, abrigou, entre agosto e setembro segundo o Diário Popular, um Panorama: ellas, trechos de óperas e de tragédias e dramas para grande actor portuguez Eduardo Brazas. R. Flo. Abreu, 7

VENDE-SE PHONOGRAPHO
PHONOGRAPHO
R. 15 Nov, 17 — Café Brazil
Vende-se um phonographo "Edison" c/ enorme repertório a preço baratissimo.
Phonographo Edison de corda de todos os tamanhos, cylindros, impressor e pertences, vende-se Bustavo Figner, R. S. Bento, 46

PHONOGRAPHO
Por causa de sahida p/Europa, vende-se um magnifico Phonographo, ultimo systema, Edison, acompanhado de todos os acessórios e cylindros. Para dirigir-se a R. 15 de Nov. 34 — Sobrado.

PHONOGRAPHO
Vende-se um legitimo Edison c/16 agulhas bom p/viajar, c/muitos cylindros.
Largo 7 de set. na Photographia.
ULTIMA NOVIDADE
PANORAMA IMPERIAL
ABERTO TODOS OS DIAS NO JARDIM DA LUZ

Em outro jornal a noticia vinha melhor exemplificada. ()
PANORAMA — Accedendo ao convite recebido, assistimos hontem à inauguração do Panorama do Jardim da Luz, tendo occasião de verificar as bellissimas vistas de que o mesmo se compõe.
Do Panorama e sua importância na pré-história do cinema, já tratamos anteriormente. A exemplo da Europa, onde seu uso continuou, mesmo no auge do cinema, antes de 1914, elles aqui tinham suas incursões cada tanto.

Enquanto isso, os jornais anunciavam a venda aos magotes do irmão mais velho do cinema, o fonógrafo, pelos preços e por motivos de toda ordem, a dar-se crédito aos anunciantes. Sempre é bom recordar que estes anúncios nunca iam além de três dias, portanto, alcançando comprador imediato:

PHONOGRAPHO
Vende-se um magnifico c/45 peças de repertório e entre Anuncio dos gramophones e phonographos Columbia e 100\$000. GUSTAVE FIGNER.

Os aparelhos cinematográficos ou, de espetáculos, tudo indica que tinham uma venda bastante facilitada dado o escasso número de dias que ficavam nos classificados dos jornais: A biblioteca de Julio Ribeiro ao contrário ficou quase um ano nos anúncios. O mesmo se pode afirmar quanto aos malogros dos concertos que Sant-Saens deu em São Paulo. Parece que o intuito inicial era trazê-lo do Rio de Janeiro para aqui reger 4 concertos sinfônicos de suas obras. O número de assinaturas, porém, foi tão insignificante que obrigou seus promotores a reduzi-la para duas, e substituindo o plano inicial de uma orquestra, para modestos concertos de câmara.

"Muitas cousas concorreram p/o salão Steinway se não enchesse inteiramente e, entre ellas, citaremos, como fatores principais, a pressa e uma tal ou qual dissidia, com que se organizou o concerto, e as desoladoras circunstâncias económicas que atravessa, actualmente, a sociedade brasileira; que são em geral, muito mais desoladoras e afflitivas do que a própria realidade pensa! Saint-Saens teve ante-hontem setecentos admiradores deante de si.

Setecentas pessoas numa cidade que três anos antes já contava com 130.775 habitantes e que não eslaionara desde então. Dos setecen-

Muitos leitores do "Estado" colaboraram com o Suplemento do Centenário enviando fotografias e documentos históricos, que serão reproduzidos e guardados em nosso arquivo. Algumas fotografias ilustrarão os ensaios, biografias e artigos que este Suplemento divulgará no decorrer de 1975. Agradecemos a colaboração dos leitores abaixo relacionados, que doaram ou cederam por empréstimo esse precioso material iconografico: Octaviano Alves Nogueira, Herminio Miranda Ribeiro, Alisabeth Antunes, Benjamin C. Teixeira, Carmen Martins de Siqueira, Antonio Gomes de Mendonça, Israel Sarmento da Mota, Ilka Brunhilde Laurito, João Cimola, Jairo Pimentel, Mario Abuíde, Angelica Scudeller, Homero Carneiro, Gaó Gurgel, Pedro Gagini, Yolandino Torre, Ulysses Serra Negra, Maria Aparecida de Castro Leite Meirelles, Jonas Barros Ribeiro, Antonio Duarte Lobo, Urbana M. J. de Brito Bastos, Antonio Carlos de Almeida Prado, Aristodemio Bicherini, Solon Rodrigues Alves, Moacyr Forte, José Nogueira de Abreu Chagas, Antonio Ametrano Junior, Tito Livio Peixoto, Eros de Azeredo Caldevele, Tercio G. Magalhães, Carlos Mota Monteiro, Rafael Cerralvo Munhoz, Rafael



O cinematographe era empolgante



A solenidade do desfile



As fantasmagorias de efeitos especiais

“Se a primeira projeção em São Paulo foi poucos dias apos a carioca, a primeira filmagem só aconteceu no século XX. Não encontramos a menor referência ou notícia que possa abrir caminho neste setor. Mesmo o indicado, Renouveau, que era fotógrafo profissional, que vira o cinema, que era fotógrafo profissional, que vira o cinema no seu início que obrigatoriamente deve ter-se relacionado com os "caçadores" de imagens" da usina de Lumière nada deixou no setor de filmagens ou produção como chamamos hoje, apesar de contar com um aparelho construído para ter três funções: projeção, filmagens e copiagem.”

tos é de crer-se que pelo menos dois terços deviam pertencer ao núcleo francês que em 1896 contava com 562 e que estiveram no Steinway se não por uma obrigação cultural, pelo menos para um engrossamento patriótico.
Destaque-se a isenção do cronista, que em certos momentos repete os conceitos de Alvarenga Fonseca um ano antes, mostrando varios motivos do desinteresse público.

Ao encerrar esta noticia, é com pesar que dizemos ter sido este o último concerto do extraordinário maestro e não podemos deixar de lamentar que as nossas precarias condições, em matéria de arte, não tivessem permitido a organização de uma orchestra completa p/ a execução de um grande concerto symphonico, sob a direção do illustre mestre.

A crise atingiu todas as classes, em todos os graus e números, podendo daquele momento ser intitulado de tudo menos de "belle époque", pois o acabrunhador "fin de siècle", que tivemos, veda terminantemente esta denominação.

As projeções cinematográficas oficialmente documentadas em São Paulo foram tão diminutas que é possível o levantamento de um quadro estatístico pormenorizado:

Se a primeira projeção em São Paulo fica a poucos dias da carioca, a primeira filmagem muito certamente só aconteceu no século XX. Não encontramos a menor referência ou notícia que possa abrir caminho neste setor. Mesmo o mais indicado, Renouveau, que era fotógrafo profissional, que vira o cinema no seu início, que obrigatoriamente deve ter-se relacionado com os "caçadores de imagens" da usina de Lumière como outros, nada deixou no setor de filmagens ou produção como chamamos hoje, apesar de contar com um aparelho construído para ter três funções: projeção, filmagens e copiagem.

ANO	DATAS	DIAS	PROGRAMADOR
1896	8/8 a 30/9	5	RENOUVEAU
1893	8/1 a 15/1	25	CIA. VARIEDADES
1898	14/2 a 15/3	30	FRANCEZAS
1899	1/2 a 3/2	36	GRANDE CIA. EXCENTRICA
1899	20/3 a 20/4	30	MUTOSCOPE NA R. S. BENTO AMERICAN
1899	25/4 a 25/5	166	BIGRAPHONO ELDORADO PROGREDIOR

No número de dias estamos descontando os descansos semanais e os incidentes havidos na época e que chegaram até nós, como a interrupção de dois dias em 1896 devido aos movimentos de rua, problema com lentes em 1897, etc. Como era hábito, o contrato pelo tempo mínimo de 30 dias, no caso de nenhuma outra referência, sempre contamos um mês como tempo máximo de programação.

Pelo quadro, pode-se avaliar em 166 dias de projeções dentro dos 1228 dias que mediaram entre Renouveau e o fim do século, número baixo se levarmos em conta a população paulistana e cotejarmos com o Rio de Janeiro, ou qualquer cidade europeia. As projeções não documentadas, não são levadas em consideração. Mas quando isso é colocado no momento de agura financeira, instabilidade política, rebeliões sociais, e até endemias, os números tomam outra feição.

Com a proximidade do novo século, é visível o desenvolvimento no setor jornalístico. O número de páginas aumenta de quatro para seis, procurando-se uma diagramação mais cuidada, com ênfases para a notícia, ao invés da posição politico-partidária do grupo dirigente.
Essa modificação desloca para as páginas

2 e 3 as noticias e comentários sobre teatro, circo e variedades, não aumentando, porém, o espaço que lhe era destinado. O valor e teor das informações também não mudam, na eterna enumeração de frases feitas e obsoletas. Nota-se mesmo que o informador pouco frequenta aqueles lugares, dando opiniões com antecedencia.
Mas apesar de todos os entraves, segundo Aureliano Leite, o cinema firmou-se.

“A partir de 1900 entram com regularidade em São Paulo o carro e o cinema que revolucionaram os costumes e a filosofia do homem. O carro, que com a montagem em série democratiza o transporte para grupos sociais que no século passado jamais subiriam num tilburi. E o cinema, plasmador de filosofias, utilizado em doses maciças pelos governos liberais e ditatoriais.”

A partir de 1900 entram com irregularidade em São Paulo, o carro e o cinema. Outras coisas também entravam, e até com mais regularidade, mas o historiador cita as duas que revolucionaram os costumes e a filosofia do homem nos primeiros 50 anos deste século: o carro que com Taylorismo da montagem em série, democratizaria sua utilização por grupos sociais, que, no século passado, jamais subiriam num tilburi ou carruagem. E o cinema plasmador de filosofias utilizado em doses maciças tanto pelos governos e grupos liberais como pelos ditatoriais.

Carro e cinema. Paradigmas exatos de várias gerações correspondem no nosso século ao escurdo e espada da era carolingia, à fe teocêntrica do medievalismo, e ao humanismo polimórfico da Renascença.

Carro e cinema. Alavancas da era mecanicista que tanto podem afogar individualidades como gerar outras jamais sonhadas.

AGRADECIMENTOS AOS COLABORADORES

Aguiar Paes de Barros, Marina Salles dos Santos Cruz, Carlos Costa Monteiro, Olimpio de O. Andrade, Abigail Bethlem Moreira, Agostinho de Siqueira Penteado, Divaldo Gaspar de Freitas, Giuliano Reichhardt, João Baptista Martins, Victorio Ferraz, Fernando Pompeo de Camargo, José Gulyas, Sergio Gonçalves Pinto, Dayveen Santos, Ivo Reschigiani, José C. Garcia, Raulino da Silveira, Alcides Scheiba Pinto Ribas, Anders Starck, Clarinda de Mello, Luciano Falzoni, José Luiz da Graça Veiga, Caio Sergio Paes de Barros, Aldo Giovanetti, Ofelia Fonseca,

Christiano Altenfelder-Silva, José Egydio M. de Castro, Umbelina Forster Zenha, Alvaro de Oliveira Vale, Alberto Naccarato, José Polacech, Nelson Elias A. Barbosa, J. M. Camargo Aranha, Pedro Mota Marcondes Salgado, Ivan Barros Monteiro, Cid Madricci, Conrado Pires Maldonado, Carlos Estevão de Saint Cyr, Jackson Amaral Valente, Ruy Plácido Barbosa, Umbelino Santana, Genilda Freira de Carvalho, Julio Cesar B. de Queiroz, Henry Maksoud, Pedro Paulo de Salles Oliveira, Pedro dos Santos Pereira, Eduardo Rodrigues dos Santos, Clara Ne-

grelli, Pedro Ayres Netto, João Saldanha, Tito Ribeiro Cunha, Santino Magele Caldi, Gabriel José Rodrigues dos Santos, Hebe Campos Sales, Eduardo Corvina, Pedro Ivo Largas, Cecília H. G. R. dos Santos, Romão de Souza Martins Filho, Paulo dos Santos Pereira, Fabio dos Santos Pereira, Mario Rodrigues dos Santos, Regina H. G. R. dos Santos, Marcos Martins Moreira, Juan Llerena, Martin Francisco de Souza Campos, Mirian Koroikovas, Castor Dacruz, Lia Rodrigues dos Santos, Ivá Cardoso Maia, Selma Mascarenhas Tornado, Eduardo Celestino Rodrigues, Santino Ribas, Miti Miller, Gaspar Simões Candeias, Sarba Piva Condeixas, Percival Caropreso, João Puma Olivares, José Eduardo Garcia da Silva, Therezinha Guargulio, Pedro Cunha, Mario Rios Filho, Dalva Guimarães Leite, Agostinho Pereira Ferreira, Cristina Arruda Botelho, José Leão Montenor, Daisy Peters, Mansur Elias, Fausto Walter Lima, Amancio Areias Caldas, Ciro Ribeiro.

Os nomes de outros leitores que colaboraram com as edições do Suplemento do Centenário, enviando fotografias, documentos e informações históricas serão publicados oportunamente, no decorrer de 1975.